Correio das Artes

ANO LXXVII

Nº 1

ISSN 1984-7335

R$ 20,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R$ 20,00.



O Pirralho cinquentão

Clássico suplemento infantil do jornal A União estimulava o hábito da leitura e oferecia um conteúdo educativo para o público infantojuvenil

Suplemento literário do Jornal A União

março 2026

NOTÍCIA COM **FONTE**,
FATO COM **PROVA**,
INFORMAÇÃO COM
CREDIBILIDADE.

CORREIO DAS ARTES
COM **REGULARIDADE.**

marketing epc/foto: leonardo ariel



ASSINE O JORNAL A UNIÃO E RECEBA MENSALMENTE O MELHOR SUPLEMENTO LITERÁRIO DA PARAÍBA.

83 99117-7042

EDITORIAL

Como podemos formar novos leitores e novas leitoras? Uma das soluções é apresentá-los ao mundo das letras desde pequenos, com a sonoridade narrativa e as formas táteis da literatura de quem ainda não sabe ler, passando pelo risos e aventuras proporcionados pelas figuras multicoloridas das histórias em quadrinhos, e por aí vai…

No século passado, os jornais também contribuíam para a formação de novas gerações por conta dos seus suplementos infantis. Tínhamos como exemplos o histórico *Suplemento Juvenil* nos anos 1930 e as icônicas *Folhinha* (da *Folha de S.Paulo*) e *O Globo Juvenil*, dentre muitos outros.

Nessa mesma época, na Paraíba, não era diferente: *O Pirralho*, *Correinho das Artes* e *Correio Criança* eram alguns dos materiais que foram criados e publicados por aqui.

Completando 50 anos desde o lançamento do seu primeiro número, *O Pirralho* não só serviu de formação de novos leitores, como também foi uma grande vitrine para artistas locais que estavam produzindo naquele período. Semanalmente, nomes como Domingos Sávio, Emir Ribeiro e Henrique Magalhães consolidaram seus trabalhos em quadrinhos para os pequenos. Fora ensaístas, poetas, jornalistas e escritores que abrilhantavam as páginas da iniciativa, as edições contavam também com a participação dos próprios leitores e leitoras.

Nossa matéria de capa traz ainda um "bônus" para o público: como uma espécie de túnel do tempo, trazemos a primeira edição de *O Pirralho* na íntegra, um *fac-símile* restaurado graças ao empenho do repórter produtor Esmejoano Lincol — que foi um "Indiana Jones" nos arquivos de A União —, com o auxílio luxuoso de Guilherme Panda, Vinícius Nascimento e a nossa exímia diagramadora, Débora Borges.

Um verdadeiro presente para os jovens de todas as idades.

ÍNDICE

MÚSICA | 24
Um passeio latino-americano pela obra *Maria Altamira*, romance musical por excelência, e o grupo Tarancón

ARTIGO | 34
Mais de 20 anos depois da alteração na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, há algo que podemos celebrar?

DIÁLOGO | 40
Entrevista com o geógrafo e professor Andrei Cornetta sobre a crise ambiental e os negócios do clima

LETRAS | 52
Relação do poeta Manuel Bandeira com os moradores (e celebridades) do recanto carioca da Rua do Curvelo

RESENHA | 56
Sociedade do Cansaço, do filósofo Byung-Chul Han, uma reflexão sobre a falsa liberdade

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO

Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa, Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio das Artes

Audaci Junior
Editor do Correio das Artes

Débora Borges
Diagramação

Tônio
Arte da capa

Bruno Chiossi
Ilustrações

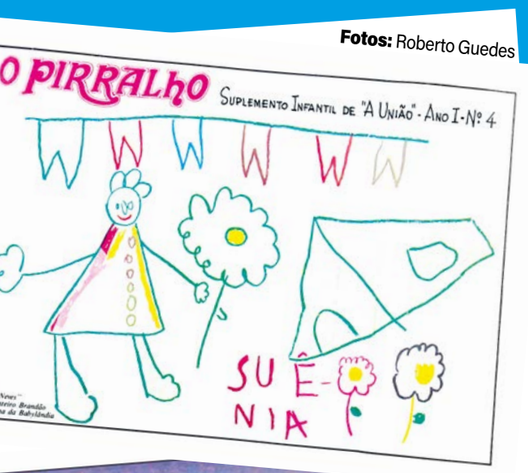
Esmejoano Lincol
Revisão textual

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (83) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)
CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fotos: Roberto Guedes







Era um a vez... um **etern o pirralho cinqu então**

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

Gíria em desuso pelas gerações atuais, "pirralho" ou "pirralha" são dois dos apelidos que temos, na língua portuguesa, para "menino" ou "menina". E, no geral, para "criança". Ou, de forma figurada, para homens e mulheres imaturos. A origem da palavra e de sua variação de gênero é incerta, mas sua conotação positiva ou negativa, quando transformada em vocativo, é bem identificável: "Você não é um homem, não passa de um pirralho!", diria alguém que encara, no outro, uma postura infantilóide. Todavia, ao celebrarmos os 50 anos do suplemento infantil paraibano que, da forma mais sonora e carinhosa possível, era chamado de *O Pirralho*, deixaremos de lado essas acepções. Faremos, ao invés disso, um providencial mergulho na história de **A União**, veículo que tocou esse projeto semanalmente por cerca de dois anos consecutivos, e remontaremos, em adição, a história das artes visuais no estado.

O pioneirismo de Wilma Wanda, editora do segmento durante a sua primeira fase, e da quadrinista Rejane Alves, uma das primeiras mulheres a publicar quadrinhos em caráter semanal na Paraíba, apresentam, de pronto, quebras de paradigmas em espaços que, cinco décadas depois, teimam priorizar os homens. Mas, mesmo estes, também despontam como destaques no *hall* de artistas visuais que conseguiram suas primeiras grandes oportunidades junto ao público, justamente em *O Pirralho*. Três deles, Domingos Sávio, Emir Ribeiro e Henrique Magalhães, que, semanalmente, apresentavam as histórias de personagens que seguem no imaginário dos leitores locais — Kangu Fu, Velta e Maria, respectivamente.

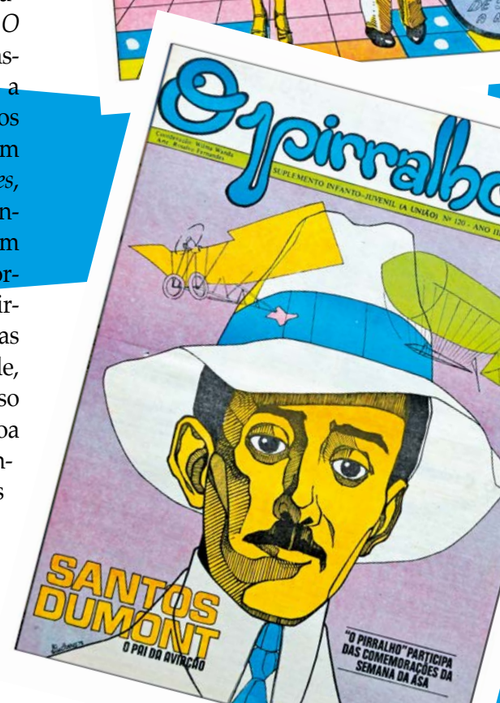
Todos os quadrinistas citados tinham menos de 20 anos quando de sua participação no suplemento infantil, mas *O Pirralho* abria as suas páginas para leitores ainda mais jovens que quisessem publicizar os seus desenhos — mais incipientes que aqueles, mas, nem por isso, menos criativos. O segmento "Escolinha de arte" compilava o trabalho de meninos e meninas que eram inspirados pelos colegas "maiores" — monocromáticos nas primeiras edições, multicoloridos nas seguintes. Os mais afeitos às letras também podiam exercitar crônicas e minicontos em "A criança escreve"; as ilustrações que complementavam esses textos também vinham dos autores.

Noutro extrato da pirâmide etária, os colaboradores adultos também enveredaram por esse universo, redigindo para um novo público, não habitual — o jornalista e dramaturgo Anco Márcio e a poeta Violeta Formiga foram dois dos expoentes nessa função, assim como a professora Elza Meira e os ensaístas Eliziário César e Deusdedit Leitão. A *Turma da Mônica*, criação do nonagenário Mauricio de Sousa, batia ponto todas as semanas no suplemento, seja em tirinhas previamente publicadas noutros jornais, seja na concepção dos passatempos, que arrematavam, de forma lúdica, os escritos sobre a história do Brasil — este, ainda sob a vigilância do Regime Militar.

Soma-se à trajetória e o legado de *O Pirralho* a existência concomitante de outros suplementos jornalísticos voltados para o público infantojuvenil — como *O Norte em quadrinhos* — e na inspiração de outros, similares — a exemplo do *Correio Criança*, já nos anos 2010 —, passando (vejam vocês!), pelo *Correinho das Artes*, versão segmentada do suplemento em que estamos, encartada em **A União** a partir de 1992. Com orgulho, dizemos que o nosso pirralho amadureceu, de fato, mas que, avançado na meia idade, não merece ficar preso no nosso precioso arquivo: como toda boa criança, deve correr livre e reencontrar os velhos companheiros dos anos 1970 mas, sobretudo, ser apresentado aos novos amigos do século 21.







Primeiras **edições**

A concepção de um suplemento infantil em **A União** partiu do diretor técnico do veículo estatal, Antônio Barreto Neto (1938–2000), que encontrava precedentes locais, em *O Norte*, e nacionais, na *Folha de S.Paulo* (a conhecida *Folhinha*, que resiste, no presente, na versão digital do jornal). A coordenação do projeto, no âmbito da edição do conteúdo, foi entregue a Wilma Wanda, então arquivista; já a parte gráfica, era de responsabilidade de Milton Nóbrega (posteriormente de Rosalvo Fernandes). *O Pirralho* começou a ser datado apenas a partir da quinta edição, em agosto de 1976 (pasando a ser semanal), mas, ao fazermos a conta dos números em retrospecto, a primeira edição cai, justamente, no primeiro semestre daquele ano.

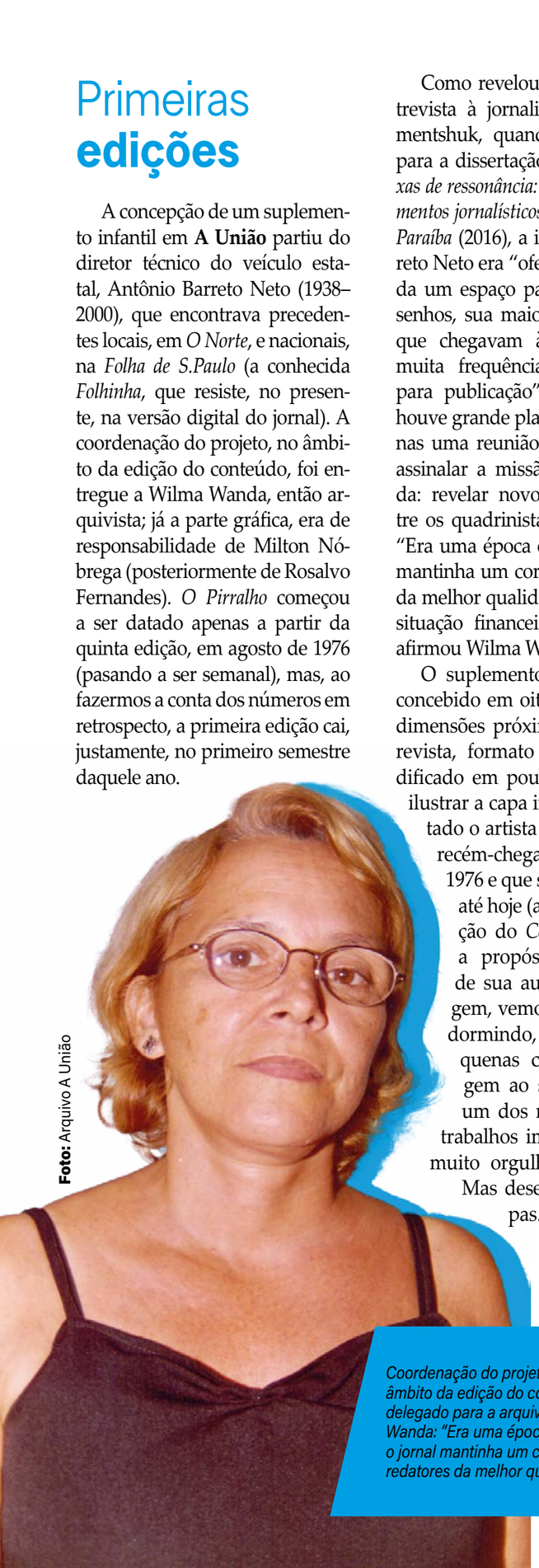


Foto: Arquivo A União

Coordenação do projeto, no âmbito da edição do conteúdo, foi delegado para a arquivista Wilma Wanda: "Era uma época em que o jornal mantinha um corpo de redatores da melhor qualidade"

Como revelou Wilma, em entrevista à jornalista Márcia Dementshuk, quando da pesquisa para a dissertação intitulada *Caixas de ressonância: estudo dos suplementos jornalísticos para crianças na Paraíba* (2016), a intenção de Barreto Neto era "oferecer à meninada um espaço para publicar desenhos, sua maioria quadrinhos, que chegavam à redação com muita frequência, com pedido para publicação". Também não houve grande planejamento, apenas uma reunião de praxe, para assinalar a missão da empreitada: revelar novos talentos dentre os quadrinistas conterrâneos. "Era uma época em que o jornal mantinha um corpo de redatores da melhor qualidade e vivia uma situação financeira muito boa", afirmou Wilma Wanda.

O suplemento dominical foi concebido em oito páginas, com dimensões próximas às de uma revista, formato que seria modificado em pouco tempo. Para ilustrar a capa inicial, foi recrutado o artista visual Tônio — recém-chegado ao jornal em 1976 e que segue na equipe até hoje (a capa desta edição do *Correio das Artes*, a propósito, também é de sua autoria). Na imagem, vemos dois meninos dormindo, enquanto pequenas criaturas interagem ao seu redor. "Foi um dos meus primeiros trabalhos impressos, fiquei muito orgulhoso na época. Mas desenhei outras capas. Noutra delas [da segunda edição], um menino ensinava o ABC para alguns bichinhos. E foi nessa revista que publiquei tiras da minha primeira personagem: Angie, por umas três edições", diz.

Como não poderia deixar de ser, o texto que abre *O Pirralho*, "O menino travesso", foi escrito por uma criança — Leonardo Souto, com oito anos, então estudante do Colégio Pio XII. A história simples sobre o garoto levado que se perde dos pais, chama a atenção por sua linguagem pueril e pela ausência de pontuação adequada, fato mantido pela edição, neste caso: "A mãe de Alexandre estava na cozinha. O seu marido quer dizer o pai de Alexandre disse mulher tenho uma surpresa ela disse-lhe depois que Alexandre se perdeu não tenho mais surpresas o homem falou mais [sic] se eu lhe disser que Alexandre está aqui. Sim estou aqui mamãe. Fim", narra a história, reproduzida, aqui, conforme consta no original.

Outro dos textos incluídos na estreia era assinado pelo historiador Deusdedit Leitão: remonta Piragibe, líder dos povos originários no estado e suas contradições. "O cacique testemunhou a captura de vários índios da sua tribo e, apesar de viver em paz com os que exploravam a sua gente, receou que aquela humilhação recaísse sobre ele. [...] procurou quanto antes livrar-se da ameaça que tanto o atemorizava", sustentava Leitão. Mais tarde, noutros números, chegariam as reportagens educativas e as matérias de comportamento, que geralmente não eram assinadas. Dentre os temas explorados, havia a assinalada importância dos deveres escolares (edição nº 5) e até a prática de natação para bebês (edição nº 35).



Foto: Arquivo A União

Ainda no lançamento, a presença da seção "Gente nossa", com tiras curtas de quadrinistas que teriam espaço fixo e ampliado em *O Pirralho*, ainda em 1976 — neste início, dividam o curto espaço Daniel Graneros (o Danielito), longevo associado do suplemento, com um de suas muitas criações — Cleny; Emir Ribeiro e *O desconhecido Homem de Preto*; e Mirtzi Ribeiro, com Teté e outra tirinha sem indicação do nome do personagem. Todos mantiveram-se até o fim da circulação, a exemplo de Jomar e o seu tipo Juca. A partir da quarta edição, o suplemento passou a intercalar capas de artistas locais adultos, pôsteres temáticos da *Turma da Mônica* e desenhos de crianças paraibanas.

Mudanças, fim e retomada

Na quinta vez que *O Pirralho* circulou, houve a primeira atualização significativa em seu formato: tornou-se tabloide (equivalente à metade de uma publicação *standard*). Graças a esse incremento, foram incluídos textos mais e grades com maior espaço para quadrinhos, mas o número de páginas permaneceu em oito. A partir deste mês de agosto de 1976, Velta, de Emir Ribeiro, encerrava as edições, com histórias que tinham continuidade na semana seguinte — estratégia comum a outros quadrinistas do suplemento. Mais tarde, a personagem passou a alternar o espaço com o indígena Itabira, criação de Emir e de seu pai, o professor Emilson Ribeiro.

A estrutura permaneceu basicamente a mesma nos dois primeiros anos do suplemento — havia espaço para os colunistas adultos e infantis, reportagens diversas além de passatempos estilo "ligue os pontos" e caça-palavras. Sobre esse último divertimento, em específico, a colaboração de Fernando Melo "subiu o sarrafo" da brincadeira: dentre as nuvens de vocábulos que precisavam ser localizados estavam os nomes de grandes compositores eruditos e de realizadores audiovisuais famosos — (Ingmar) Bergman, (François) Truffaut e (Sergei) Eisenstein, nomes que as crianças talvez não conhecessem em tenra idade.

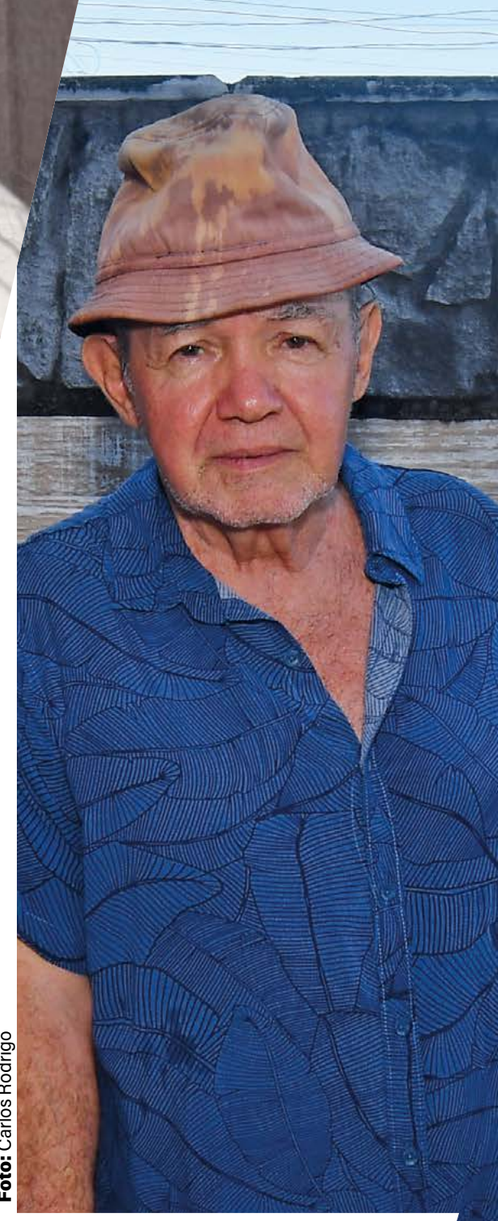


Foto: Carlos Rodrigo

*Criação de um suplemento infantil em **A União** partiu do diretor técnico do veículo estatal, Antônio Barreto Neto (acima, à esq.); tendo como a primeira edição (abaixo) uma capa assinada pelo artista visual Tônio (acima, à dir.)*



Imagem: Arquivo A União

A presença de dois grandes autores em *O Pirralho* chamou nossa atenção durante a pesquisa. A primeira, a poeta Violeta Formiga. Vítima de um brutal feminicídio no início dos anos 1980, a autora compartilhava com as crianças paraibanas textos em verso e prosa, com leveza e encantamento — um deles, "Procura-se um amigo", com inspiração em *O Pequeno Príncipe*, de Saint-Exupéry, numa das edições do primeiro semestre de 1977: "Um certo dia precisei viajar e como não houve tempo para despedidas [...]. Porém distante, senti grande falta das suas canções, das nossas conversas acerca da vida: Era que eu amava Scott e até então não sabia nem ele nunca soube da sua verdadeira importância na minha vida".

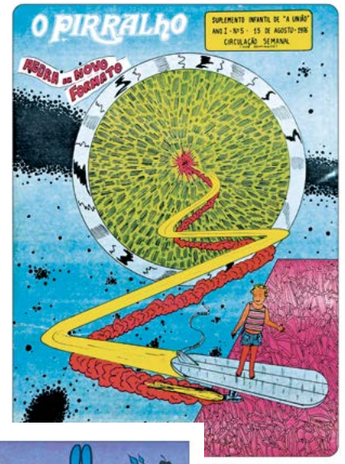
O teatrólogo e jornalista Anco Márcio, falecido em 2013 e reverenciado por sua trajetória na dramaturgia infantojuvenil do estado, era outra das presenças frequentes: fábulas e minicontos como *A história do confeti* (com "i" mesmo), sobre um minúsculo pedacinho de papel que organiza uma grande comemoração: "Os confetis começaram a crescer cada vez mais e mais, e daqui há pouco, tomavam conta do salão! Saíram todos correndo, e o baile acabou-se. E com ele, também todo o Carnaval, pois no dia seguinte deu-se a mesma coisa. E é por isso, que nesse país, cujo nome eu esqueço, não existe mais Carnaval. Aqui no nosso, não...! Se brinca a valer, durante quase todos os dias do ano...!".

Em 1978, *O Pirralho* ganhou uma nova logo e capas que se vinculavam a datas comemorativas e acontecimentos da cultura pop: do aniversário de Santos Dumont ao filme *Os Embalos de Sábado à Noite*, com John Travolta — Domingos Sávio criou a sua versão local: *Os Forrós de Sábado à Noite*, com seu personagem Kangu fazendo as vezes de Tony Manero. Apesar dos investimentos e da popularidade, o suplemento deixou de circular na virada de 1978 para 1979. "Mudou o governo e consequentemente a direção do jornal. A nova equipe chegou com outros interesses", rememorou Wilma Wanda, em entrevista a Márcia Dementshuk.

Mas, em outubro de 2011, uma surpresa: **A União** trouxe de volta *O Pirralho*, numa edição única e comemorativa, para celebrar o mês das crianças. Foi resgatada a logo inserida em 1978, mas a diagramação, assinada por Degner Queiroz e Fernando Maradona, modernizava o seu aspecto gráfico.

As então repórteres Cleane Costa e Tereza Duarte foram pautadas com textos que remontavam a história do suplemento. Já Tônio retomava seu posto como capista e ilustrador, ao lado do também veterano Domingos Sávio. Numa página dupla, estava a Declaração Universal dos Direitos da Criança, concebida pela Organização das Nações Unidas (ONU): todos os seus 10 e importantes princípios ganharam um desenho alusivo.









Fotos: Roberto Guedes

Alguns exemplos das capas de O Pirralho, *nos anos 1970; sendo a última (de cima para baixo) a capa do seu retorno, após um hiato de mais de três décadas, em outubro de 2011*

De **grandes musas** ao **ativismo**

O Pirralho foi a grande oportunidade que a juventude da capital teve de publicizar as suas produções artísticas, mesmo as mais pueris, como alegou Wilma Wanda à Márcia Dementshuk, em 2016. "Os meninos (entre seis e 15 anos) apareciam aos montes no jornal com suas tirinhas. Em sua maioria eram meninos pobres, da periferia, de escolas públicas, porque divulgávamos o suplemento nessas escolas. [...] É bom lembrar que, numa época sem *videogame*, sem internet e de pouquíssimos aparelhos de TV nas casas, os meninos e meninas liam revistas, livros e usavam e abusavam de lápis e papel", rememorou.

Alguns, com mais experiência e tino para os quadrinhos, buscavam espaços fixos para desenvolver suas histórias. Um deles era Emir Ribeiro. Desde 1973, Velta, a sua principal criação (antes chamada de Welta), circulava em outros veículos de comunicação de João Pessoa: "Minha estreia profissional foi no *Caderno 2*, de **A União,** em agosto de 1975. Com relação aos suplementos, especificamente, o primeiro foi *O Norte em quadrinhos*, do extinto jornal filiado aos Diários Associados, no mesmo mês. A diferença foi que as duas séries de histórias em quadrinhos publicadas em O *Norte* era a título de colaboração não remunerada, numa página do suplemento destinada aos leitores que enviavam desenhos à redação".

Sua estreia foi com *O desconhecido Homem de Preto*, mas, em pouco tempo, sua musa Velta também viveria as suas

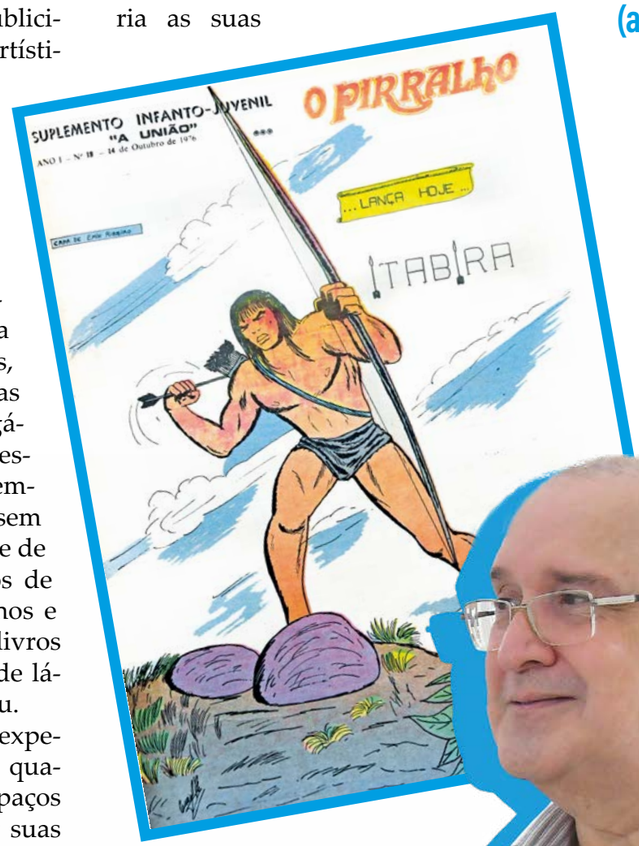




Foto: Leonardo Ariel

Entre as várias criações de Emir Ribeiro (abaixo), as aventuras do indígena potiguara Itabira (ao lado) ganhava as páginas do suplemento do jornal A União

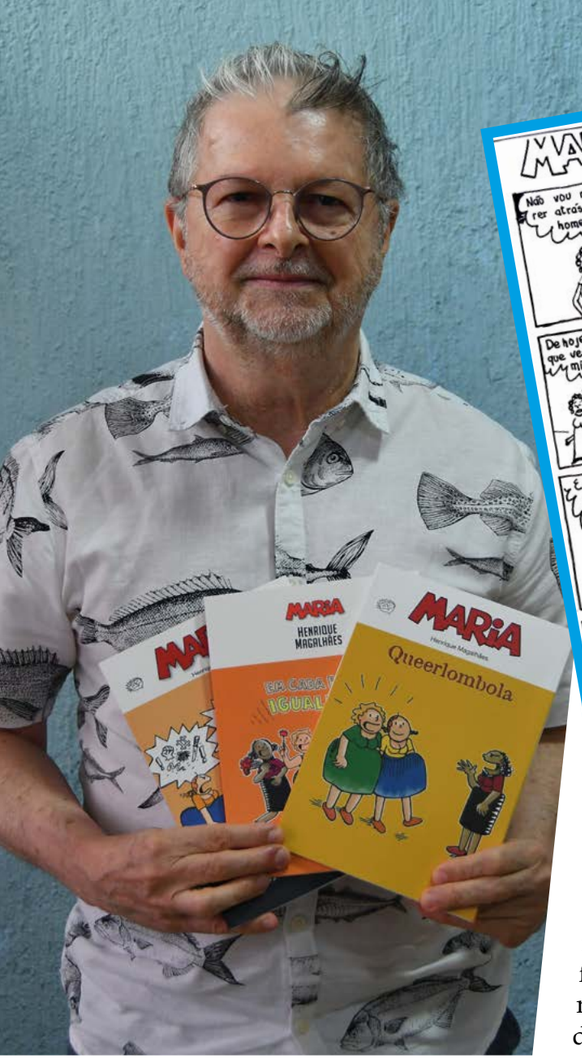
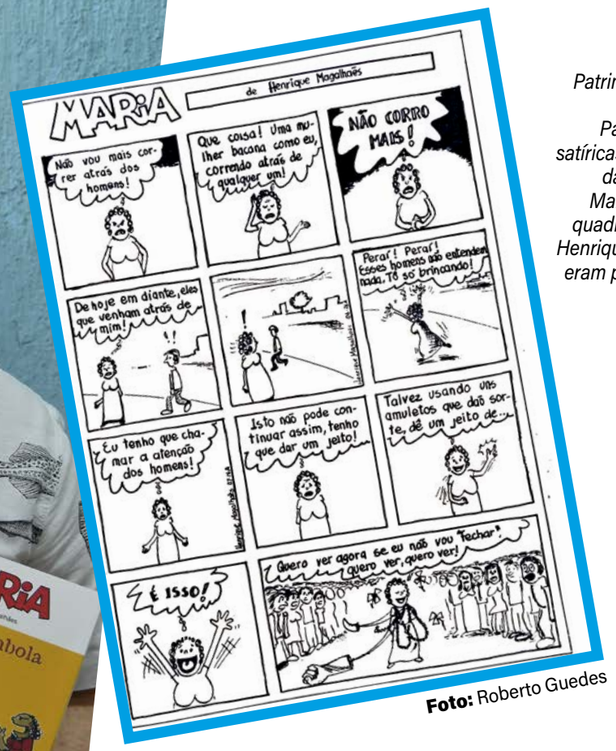


Foto: Leonardo Ariel



Atualmente Patrimônio Cultural e Imaterial da Paraíba, as tiras satíricas e politizadas da personagem Maria, criação do quadrinista e editor Henrique Magalhães, eram publicadas em O Pirralho

Foto: Roberto Guedes

Outro dos tipos de Emir Ribeiro que ganharam páginas no suplemento foi Itabira, a figura de um indígena potiguara. O quadrinista atesta que, graças a esse personagem, inspirado nos povos originários paraibanos, firmou parceria com seu pai, o historiador Emilson Ribeiro, com quem escreveu, anos mais tarde, a série *História da Paraíba em quadrinhos*: "O suplemento fomentou o gosto pela leitura e pelo desenho e dotou uma geração inteira de uma boa bagagem de conhecimentos gerais e ortográficos. Seria um veículo muito importante nos dias atuais, haja visto os decepcionantes resultados dos índices que mensuram os níveis de aprendizado e educação da juventude do presente".

Também em 1976, Henrique Magalhães tornava-se conhecido por Maria, personagem ativista e bem humorada, publicada semanalmente pelo paraibano — mas, hoje em dia, restrita às listas de *e-mails* e WhatsApp. A presença dele e de outros quadrinistas nos jornais diários da Paraíba naquela década foi propiciada, segundo o artista, pela introdução da impressão *off-set*, com chapas metálicas, em substituição a métodos mais antigos, como a linotipia, feita direto no papel: "As matrizes de chumbo complicavam o processo de ilustração. O que poderiam sair eram aquelas fotografias muito reticuladas. Essa abertura também existiu porque nos jornais, haviam muitos entusiastas nas redações, como Deodato Taumaturgo Borges (pai de Mike Deodato Jr.) e Marcos Tenório — este foi o primeiro a publicar Maria, junto de um texto analítico".

Depois de angariar espaço em **A União**, Henrique migrou para *O Pirralho*, fato que coincide com o ingresso do quadrinista na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e sua posterior politização, espelhada em Maria e em suas fiéis escudeiras — Pombinha e Zefinha; apesar de tratar de tratar de temas urgentes e "subversivos", como a condição da mulher na sociedade (mesmo que em tom de sátira), ele diz que não houve tolhimento em suas tirinhas: "Para mim, *O Pirralho*, apesar do nome, não era um jornal exclusivamente para a infância. Tanto é que eu era um leitor e já tinha 17, 18 anos. O público adolescente, e provavelmente adulto, consumia por causa dos quadrinhos, Agora, como Maria tinha um traço muito semelhante a uns traços de desenhos infantis, as crianças liam também".

Os anos se passaram e os meios de comunicação modificaram drasticamente o seu modo de gerir e de difundir a informação. Os jornais impressos, que circulavam na Paraíba até o início deste século, se não foram fechados, migraram para o meio digital com a supressão de editorias — incluindo os segmentos infantojuvenis. Para além da interdição do espaço de formação de leitores, Henrique Magalhães crava que a ausência de suplementos como *O Pirralho* esvanece as chances de trabalho dos quadrinistas: "É um buraco dentro do universo da criação. Eu sei que hoje, talvez, o impresso esteja defasado, porque as pessoas estão criando diretamente pela internet. Pode me chamar de saudosista, mas penso que nada se compara com a publicação dessas artes em um jornal", apontou o autor de Maria.

Com **ousadia** e **pioneirismo**

"Eu era uma pirralha!", exclama Rejane Alves, ao comentar a sua própria participação no suplemento. Com então 16 anos, ela não dispunha de referências femininas na produção de quadrinhos, nem considerava, à época, essa falta de representatividade um problema: "Eu lia *Asterix* e *Lucky Luke*. Via os meus irmãos desenhando. Minha irmã, Rosângela, inventava histórias e me animava a desenhá-las. Não houve formação, eu me sentia livre para publicar". Todavia, sua estreia em *O Norte*, um ano antes do início da circulação de *O Pirralho* preencheu a lacuna de ídolos femininos. A artista ilustrou a trajetória heroica da nadadora paraibana Kay France, que anos mais tarde, se tornaria a primeira mulher latino-americana a atravessar o Canal da Mancha, entre Grã-Bretanha e a França, em 1979.

Por intermédio do pai, Nathanael Alves, então diretor de **A União**, e a pedido de Wilma Wanda, ela começou a publicizar suas criações no veículo estatal e, em pouco tempo, no recém-criado suplemento infantil. Os personagens foram muitos: "*Paulito*, que era estilo palito mesmo; *Homodiscos*, extraterrestres com alguma intenção satírica, mas que não soube trabalhar muito bem; e *Betica e Joquita*, duas meninas amigas, inspirada em minha irmã caçula, Roberta, e sua amiguinha Joseane, seus conflitos e resoluções".

Além de divertir-se na produção das tirinhas — "sem quaisquer pressões", como ela assinala, Rejane Alves rememora as "escapadas" que dava para acompanhar o ofício dos ilustradores Tônio e Milton Nóbrega, na concepção de *O Pirralho* e de outros desenhos, para o jornal e para a Editora A União.

Ao comparar o futuro e o passado do segmento e a sua contribuição para os quadrinhos locais, mediante o seu assinalado pioneirismo, Rejane

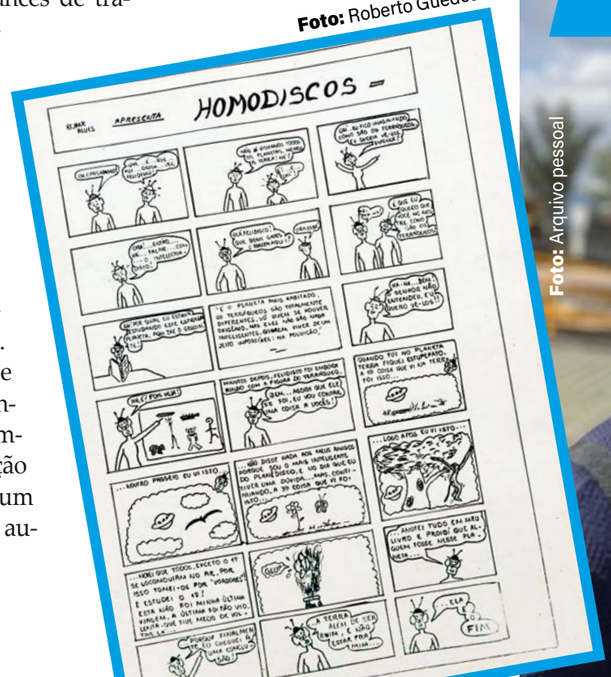


Foto: Roberto Guedes

Sem referências femininas na produção de quadrinhos, Rejane Alves foi uma pioneira no gênero na Paraíba, contribuindo para O Pirralho *com diversas séries, a exemplo dos extraterrestres de* Homodiscos *(ao lado)*



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Roberto Guedes

Quadrinista e artista visual Domingos Sávio ao lado de uma capa ousada do seu personagem, Kangu Fu, posando como o romancista, ex-ministro e ex-governador do estado José Américo de Almeida

declara, primeiro, que o meio impresso nunca será totalmente superado pelo meio digital, posto que os verdadeiros fãs sempre procurarão sua reprodução em mídia física, seja por colecionismo, seja por apoio ao trabalho. Segundo, apesar de sua atuação precursora, ela não descarta que outras mulheres possam ter sido invisibilizadas no período contemporâneo ou pregresso a *O Pirralho*: "Achava que elas estavam por aí, como eu. Cismo que, se a gente fizer uma pesquisa mais profunda, vai descobrir muitas autoras de HQs paraibanas que, ao invés de publicar, simplesmente guardavam seus quadrinhos. Ninguém subestime as mulheres e suas gavetas!", frisou ela.

Canguru, calango e Bruce Lee

"Ele não tinha orelha, bicho!", brinca Domingos Sávio, ao ver algumas das tirinhas de Kangu (ou Cangu) Fu, um seu personagem mais recorrentes em *O Pirralho*, "cruza" de canguru com calango, inspirado em Bruce Lee. O contato dele com os desenhos deu-se na infância, ao admirar os tipos que recheavam as revistinhas a que tinha acesso — todos recortados e posteriormente colados nos cadernos da escola. Logo ele também começaria a desenhar, sendo premiado por seu trabalho (terceiro lugar em um concurso da Capitania dos Portos, perfilando o Almirante Tamandaré). A ida para **A União** e *O Pirralho*, na adolescência, deu-se graças à oferta de pagamento pelo serviço: "E a aceitação que vinha, era da coordenadora, Wilma Wanda, dos colegas. E em casa também, quando mostrava a minha mãe".

Dentre os trabalhos mais importantes publicados em *O Pirralho*, Domingos destaca "Kangu Fu e a Revolução de 1930", publicado no número 104, em julho de 1978. Nessa história, o artista descrevia sua versão de um dos capítulos mais importantes da história do Brasil, com uma divertida ousadia na capa — o seu "cangulango", ou "calanguru" posava vestido como o romancista, ex-ministro e ex-governador do estado José Américo de Almeida: "No final, Cangu não conseguiu salvar João Pessoa porque o pneu do seu carro de boi furou. Mas o carro de boi é de madeira... bom, aí é história da minha cabeça...". Na mesma época, o artista chegou a encaminhar alguns de seus desenhos para o programa *Globinho*, apresentado por Paula Saldanha, na TV Globo — a sua cartinha foi lida no ar, registro que guarda com carinho na memória.

O fim de *O Pirralho* coincide com o seu ingresso no quartel e, já maior, com a sua transferência para o *Correio das Artes*, atendendo ao chamado do também artista visual Fred Svendsen; ambos eram coordenados pelo então editor Sérgio de Castro Pinto. Ainda em atividade, Domingos pretende reaver muitos desses quadrinhos e trazer Kangu de volta, com técnicas mais modernas de composição e impressão: "Fazíamos com fotolito, umas máscaras em amarelo, ciano, magenta e o preto. Para separar as cores era uma dificuldade de medonha!".

Mas se as atuais gerações têm acesso fácil a ferramentas com o Photoshop, os jovens de agora carecem de experiências que só os anos 1970 poderiam proporcionar, conforme o quadrinista: "Os caras vão para festas só para brigar. Ninguém vê ninguém dançar agarradinho", conclui Domingos Sávio.

Os pirralhos de *O Pirralho*

Varremos a internet em busca dos "nossos pirralhos", as crianças que, há cinco décadas, desenhavam ou escreviam para o suplemento, exercitando sua verve artística. Localizamos dois deles, que colaboraram com a seção "Escolinha de arte". Taciana Meira Barreto, hoje advogada, tinha quatro anos de idade em 1976 e estudava no colégio Babylândia; a proximidade com os veículos de **A União** era natural já que o seu pai, Antônio Barreto Neto, era o dirigente do jornal e idealizador de *O Pirralho*: "Ele me estimulava com revistas em quadrinhos, desenhos. E eu gostava muito de desenhar. E aí ele dizia, 'Vá, desenhe o que você está sentindo, o que você gostou'. E falava também, 'Eu vou levar e vai sair no jornal, viu?'".

Um dos produtos desse incentivo foi publicado logo na primeira edição, mencionada no início da matéria: "A professora chamando os alunos para a aula", título autoexplicativo. Taciana diz que lembra pouco do que ilustrou para o suplemento, mas recorda que sentia orgulho de si mesma quando via seu nome junto aos demais artistas mirins. O *hobby* continuou mesmo depois do fim de *O Pirralho*, mas não resistiu ao adolescer: "Parei aos 15, antes mesmo do vestibular. Hoje, brinco com os meus sobrinhos, desdenhando, mas não do jeito de antes".

Taciana reforça que cooperar semanalmente com as páginas do suplemento não apenas fomentou a sua criatividade, mas a ajudou a lidar com a sua timidez. Além disso, tendo sido criada tão perto do cotidiano de veículos impressos — em casa, o pai, Barreto Neto, tinha um aparelho de Telex, utilizado para trocar mensagens quase de forma instantânea, numa época sem celular ou internet — ajudou a constituir a leitora que é hoje, na idade adulta: "Dava um trabalho enorme pesquisar naquela época. Meu pai guardava muitos recortes dos jornais da época, daqui e de fora, e consultava, quando preciso. Havia o prazer de fazer isso".

O consultor de acessibilidade Genilson Machado Lima também teve participação numa das primeiras páginas dedicadas à "Escolinha de arte". O desenho que localizamos foi feito quando ele tinha sete anos de idade — um avião enorme cortando as nuvens. Por não ter muitas memórias desta primeira parte da infância, devido a um acidente que sofreu ainda muito jovem, ele mostrou-se surpreso com o nosso contato, mas reconheceu de pronto a sua obra: "Pensei, 'Puxa, isso é mentira'. Vocês foram achar isso onde? Fiquei com os olhos cheios d'água. Principalmente porque, hoje em dia, tenho um sobrinho que é piloto de avião".

Então aluno do Instituto La Salle, também em João Pessoa, Genilson diz que, com os conceitos mais difundidos hoje em dia, po-



Foto: Roberto Guedes



Foto: Arquivo pessoal

Filha de Antônio Barreto Neto, idealizador de O Pirralho, *a advogada Taciana Meira Barreto aponta que cooperar semanalmente com as páginas do suplemento não apenas fomentou a sua criatividade, mas a ajudou a lidar com a sua timidez*

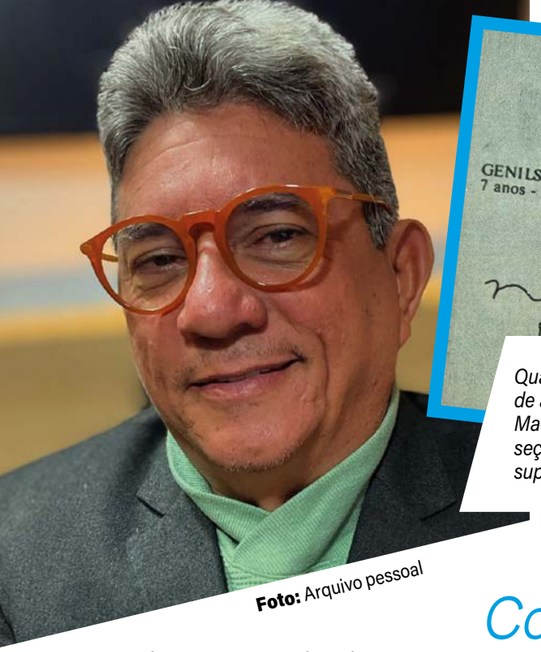
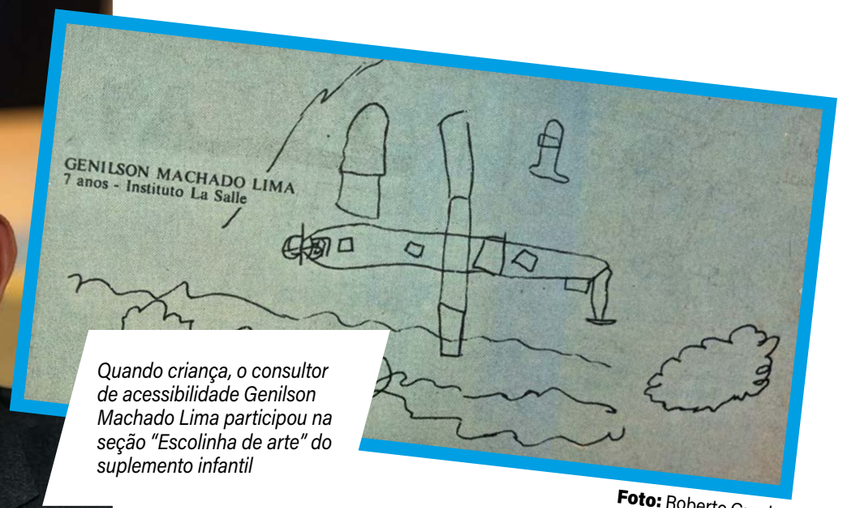


Foto: Arquivo pessoal



Quando criança, o consultor de acessibilidade Genilson Machado Lima participou na seção "Escolinha de arte" do suplemento infantil

Foto: Roberto Guedes

deria ser considerado uma criança hiperativa, mas que toda essa energia era bem gasta com as atividades escolares, sobretudo as que envolviam cultura tal encorajamento culminou no exercício pontual das artes visuais, nos anos 1990: "Gostava de teatro, cinema. E lá, a gente brincava com o teatro fantoches. Tinha também as leituras que fazíamos no pátio todo mundo sentadinho, música, pintura. Fazíamos até aerografia para pintar nossas calças. Foi a primeira vez que eu entendi o que era arte".

Correinho e **Correio Criança**

A Paraíba teve outros suplementos infantis nos últimos 30 anos — um deles, "filho" do nosso *Correio das Artes*. Circulando em caráter irregular a partir de dezembro de 1992 (quinzenal, mensal ou semestral), o *Correinho das Artes* tinha edição de Sérgio de Castro Pinto (mais tarde, Cláudio e Yolanda Limeira) e diagramação de Evaldo Alves. Seguia um formato próximo de *O Pirralho* — *standard*, porém, em preto e branco. Aos textos educativos, desenhos e passatempos foram adicionados trechos de poetas e prosadores conhecidos da nossa literatura — logo na estreia, Graciliano Ramos e a reprodução da obra *A Terra dos Meninos Pelados*. Todavia, os quadrinhos, tanto de autores nacionais quanto locais, ficaram de fora do projeto.

Perfis com jovens artistas paraibanos também marcaram as primeiras edições: hoje cantora e atriz, Mayra Montenegro, aos oito anos de idade, em 1992, foi indicada como promessa do teatro do estado: "Com apenas dois, já atuava em comerciais de TV, ao lado dos pais, para o lançamento de um edifício de apartamentos".

Os pequenos leitores também eram incentivados a contribuir com textos em versos, minicontos ou crônicas. Um certo Marcelo, aos 11 anos, escreveu para a edição nº 4, de agosto de 1993, o poema *Dia a dia a fazenda — Ao meu pai*: "Rapazes no roçado / Burrinhos cansados / De tanto trabalhar / O patrão somente a pensar / Chega a noite todo mundo a roncar". O *Correinho* parou de circular na virada para o século 21.

Essa lacuna foi preenchida pelo *Correio Criança*, projeto idealizado pelo diretor Walter Galvão, editado por Márcia Dementshuk e vinculado ao *Correio da Paraíba* (hoje, extinto em sua edição impressa).





Fotos: Roberto Guedes

Publicado em caráter irregular a partir de dezembro de 1992 (quinzenal, mensal ou semestral), o Correinho das Artes *parou de circular na virada para o século 21*

O suplemento circulou a partir de 2010 e encontrou uma outra geração de crianças paraibanas — munidas de celular e redes sociais. Por isso, as fotos tinham um peso maior no projeto gráfico assinado por Klécio Bezerra. A tirinha voltou, tímida: de Paulo Sérgio, a série *Zé e Família*. Aos demais elementos, já conhecidos, foram acrescidos os segmentos "Repórter Mirim" ou "*Teen*": crianças e adolescentes eram convidados a colaborar com matérias e entrevistas. Foi veiculado quinzenalmente e totalmente a cores até meados de 2015.

O Pirralho na academia

Márcia Dementshuk acabou elegendo os suplementos infantis paraibanos como objeto de estudo no mestrado em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A mencionada dissertação, *Caixas de ressonância: estudo dos suplementos jornalísticos para crianças na Paraíba*, orientada pela docente Joana Belarmino e defendida em 2016, observa, no título, o processo de reverberação desse segmento, de forma imanente, no meio, e entre seu próprio público: "A infância é uma fase da vida na qual temos curiosidade natural em explorar as coisas. A criança recebe estímulos para os sentidos que estão se desenvolvendo e, ao aprender a ler, ela é transferida para outro universo no qual ela decifra um 'código secreto' usado pelos adultos".

A pesquisa remontou alguns dos principais suplementos infantojuvenis do Brasil, mas deteve-se de forma mais extensa nos suplementos aqui citados, a nível local. Para além do escrutínio histórico nos outros veículos, ela trouxe para o trabalho sua vivência no *Correio Criança*: "Tínhamos parcerias com escolas, com tiragens extras. Havia depoimentos de pais, professores e alunos quanto à importante função do suplemento para a educação. Mais ainda quando tivemos que dar a notícia de que ele sairia de circulação. Especialmente os professores se opuseram à decisão". Em comum ao *Correio* e a ao seu primo mais velho, *O Pirralho*, a autenticidade, crava Márcia Dementshuk: "Eles nasceram com a 'cara' de seus criadores".

Apontando a importância de todo esse arcabouço e, mais especificamente de *O Pirralho* — bem como a relevância de seus idealizadores, Wilma Wanda e Antônio Barreto Neto, Márcia Dementshuk conclui que apesar de parecer distante da infância contemporânea, tão ligada à internet e à urgência do audiovisual e das redes sociais, suplementos infantojuvenis impressos ainda podem existir e conviver pacificamente com esses outros atrativos: "O impresso tem limitações, mas é importante para a formação cognitiva na infância. Por outro lado, a internet pode ampliar o alcance da publicação, gerar diálogo entre os produtores dos conteúdos com os leitores. Mas as estratégias devem ser diferentes, concebidas em formatos adequados ao tempo atual".

Esmejoano Lincol é repórter do caderno de *Cultura* do jornal **A União**. Também é mestre em Comunicação pela UFPB. Mora em Rio Tinto (PB).

Fotos: Roberto Guedes





Edição ***fac-símile***

Para comemorar em grande estilo os 50 anos de *O Pirralho*, apresentamos a seguir um *fac-símile* de sua primeira edição, que circulou em 1976. A cópia estava disponível no Arquivo **A União**, em bom estado de conservação. A digitalização prévia do suplemento foi gerida por Ana Cristina Coutinho Flôr, que coordena o setor do jornal. Coube aos *designers* Guilherme Panda e Vinicius Nascimento restaurarem, a posteriori, todo esse conteúdo, respeitando, ao máximo, fontes, cores e a ordem que ele foi armazenado; a diagramadora Débora Borges forneceu os ajustes finais. Ao lado, um exemplo desse processo de recuperação. Uma ótima viagem no tempo!

O PIRRALHO

SUPLEMENTO INFANTIL DE "A UNIÃO"
ANO I • Nº 1





O Menino Travesso

Historinha de Leonardo Souto
(Oito anos, Colégio Pio XII)

Não é só a capacidade de inventar situações que surpreende na historinha de Leonardo. É também, e sobretudo, a disciplina com que ordena essas situações e desenvolve a intriga, e a segurança com que mantém o nível da linguagem (rigorosamente respeitada aqui) e o rítmo da narrativa. Leiam para conferir.

Alexandre é muito levado. O seu apilido é Menino Travesso.

Alexandre tem duas irmãs: Caline e Caroline. Caline é a mais velha e a caçula é muito bonita.

Alexandre mora numa casa.

O Menino Travesso se perdeu pela cidade. E seu pai botou notícia no jornal e no rádio e na TV. O menino travesso tinha desaparecido por muito longe seu pais e sua mãe estão quase doentes.

A mãe de Alexandre está grávida novamente e está muito deseperada. Ela está com medo que o outro filho desaparesa. A mãe do menino travesso estava recordando algumas coisas que tinham acontesido com Alexandre. Recourdou-se quando ele foi tomar vacina e a vacina saiu errada. Fez um enorme boraco aquilo tinha inflamado muito. Tinha ficado uma orivel mancha no seu braço.

Depois de nove meses de grávida a mãe de Alexandre criou um novo filhinho depois de 2 anos de o menino ter-se perdido e dois anos de vida de seu novo irmão o menino travesso saiu andando pela rua até chegar perto de casa. E não tinha reconhecido sua própria casa. Ficou por ali perto de um jambeiro alimentou-se com jambo. Pegou uma grande amizade com o seu próprio irmão que lhe parecia um estranho. Brincou muito com seu irmão. André era o nome do seu irmão. O André era uma criança muito saldavel e boa.

André perguntou o nome do seu novo migo. O menino travesso disse meu nome é Alexandre mais pode me chamar de menino travesso porque perguntou André? ele disse porque meu apilidio é este. Acabada a brincadeira André perguntou-lhe se ele queria passar uns dias em sua casa? Alexandre disse-lhe que era um menino perdido e que os pais de André não ia gostar. Alexandre disse que seus pais tinham lhe dito que era mal educação entrar na casa dos outros assim. André disse que seus pais tinham dito que tinha um filho perdido.

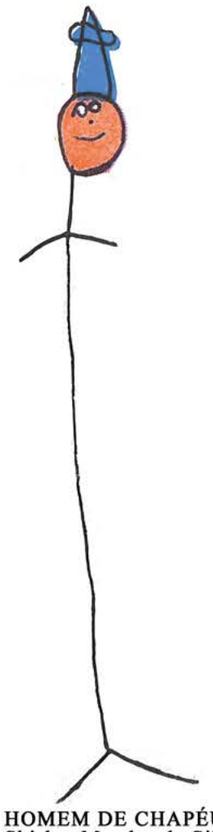
André ficou muito espantado com a mancha da vacina. André perguntou-lhe que mancha era aquela e Alexandre contou tudo. André se dispidio de Alexandre e foi para contou tudo para Caline e Caroline. Caline é a mais velha entendeu tudo. Contou para o pai. O pai de Alexandre tomou a maior providência.

Caline e Caroline, estam encaregadas de pedi a André para conhecer o seu novo amigo. André falou ele se chama Alexandre mas seu apilidio é menino travesso. Elas disseram menino travesso pois quero conhecelo. André falou ele é uma criança perdida. Ele disse que ia passar o resto da vida morando numa árvore amanhã eu mostro ele a vocês.

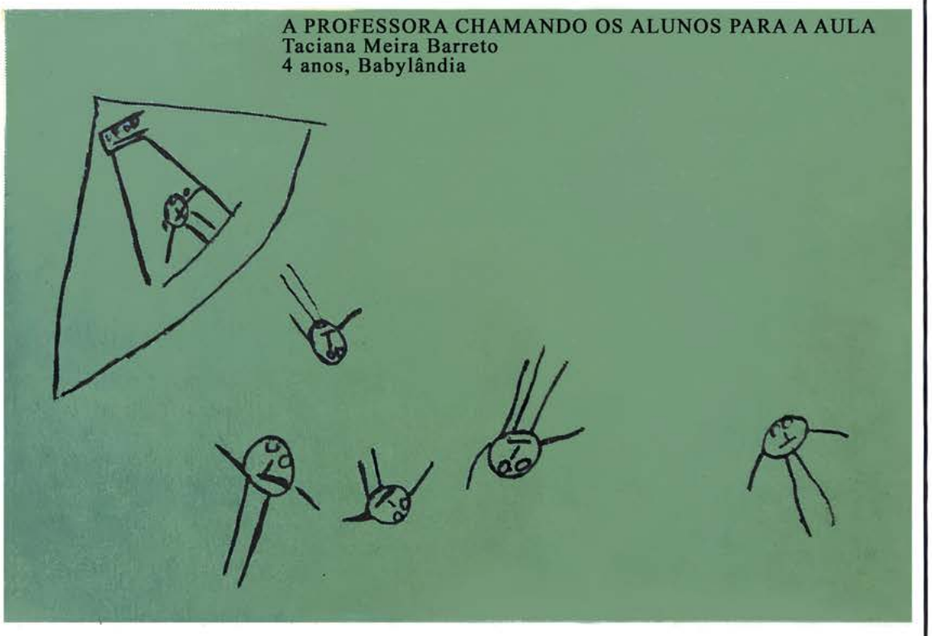
No dia seguinte André bem cedinho chamou Caline e Caroline e foi para o iambeiro. Quando chegou no jambeiro André chamou Alexandre. Quando Alexandre xegou, que alegria! Alexandre perguntou que são estas meninas. André disse são minhas irmãs elas queriam lhe conhecer e eu as troxe. todos se cumprimentaram e Caline convidou Alexandre para morar em sua casa. Alexandre asseitou estava faminto. Quando chegou na casa de André Alexandre achou a casa parecida com a sua onde morava ele falou esta, casa é parecida com a que eu morava o pai de Alexandre foi enteando na sala em que Alexandre esta-va e disse sim meu filho é a casa que você morava faz dois anos que você se perdeu agora estais de volta ao lar Alexandre disse mas quem é este aqui o Andre ¡ião é meu irmão. O pai de Alexandre disse lembra-se quando você se perdeu sua mãe estava grávida sim mim lembro sim papai ainda bem Jesus Cristo mim trouse de novo ao lar que bom que bom que bem viverei feliz.

A mãe de Alexandre estava na cozinha. O seu marido quer dizer o pai de Alexandre disse mulher tenho uma surpresa ela disse-lhe depois que Alexandre se perdeu não tenho mais surpresas o homem falou mais se eu lhe disser que Alexandre está aqui. Sim estou aqui mamãe. Fim

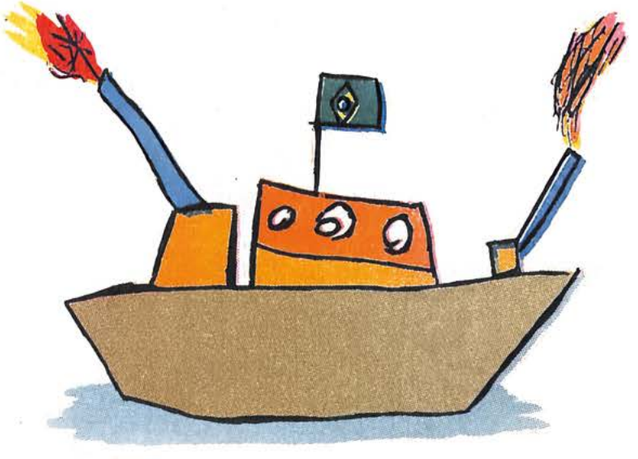
Escolinha de Arte



HOMEM DE CHAPÉU
Shirley Mendes da Silva
5 anos, Instituto La Salle



A PROFESSORA CHAMANDO OS ALUNOS PARA A AULA
Taciana Meira Barreto
4 anos, Babylândia



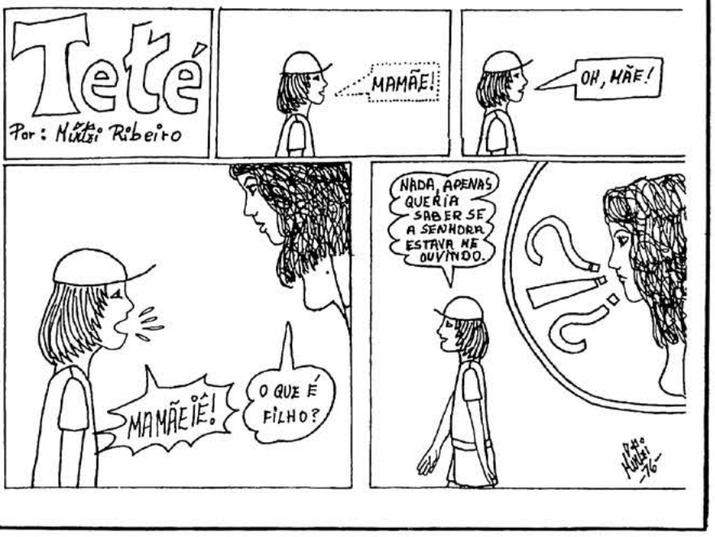
NAVIO DE GUERRA e LAGARTO GIGANTE
Herbert Emeri
6 anos, Instituto La Salle

GENTE NOSSA











Piragibe

Deusdedit Leitão

Piragibe, o valente cacique tabajara não era paraibano. Os índios de sua nação habitavam o alto sertão pernambucano e os confins da Bahia. Alí vivia ele em bom entendimento com os portugueses que iam até aquelas regiões capturar índios para vender como escravos. Era um triste e deplorável negócio em que se salientou um sacerdote lembrado na crônica daqueles dias como o Padre do Ouro.

O cacique testernunhou a captura de vários índios da sua tribo e, apesar de viver em paz com os que exploravam a sua gente, receou que aquela humilhação recaisse sobre ele. Viu os seus irmãos amarrados e destinados à escravidão dos engenhos pernambucanos e procurou quanto antes livrar-se da ameaça que tanto o atemorizava. Para enfrentar a ganância e o poderio dos conquistadores recorreu ao seu parente Guiragibe, outro cacique tabajara, conhecido entre os seus como Assento de Pássaro, mandando-lhe um emissário que deu notícias dos maltratos impostos ao seu povo.

Guiragibe não demorou com o socorro pedido por Piragibe, investiu, de surpresa, sobre os portugueses, libertando os índios aprisionados e matando todos os que procuravam escravizá-los. Piragibe, que entre os seus tinha o nome de Braço de Peixe, temeroso de vingança dos portugueses, combinou com Guiragibe e abandonaram a terra em que viviam saindo à procura de outra região aonde pudessem ter tranquilidade.

Durante mais de dez anos viveram sem ponto certo e nessa peregrinação atravessaram o sertão pernambucano e chegaram às cabeceiras do Rio Paraíba, de onde, tomando o seu curso, vieram ter às margens do Rio Sanhauá. Era o ano de 1584, marcado pelas lutas entre os potiguaras e os que vinham tentando a conquista da Paraíba. A solidariedade da raça os levou a celebrarem um acordo com os índios que dominavam a região, e assim acertaram que os tabajaras ficariam à margem direita do Rio Paraíba, permanecendo os potiguaras à esquerda, com os seus domínios já tradicionais pelas lutas que sustentavam com os colonizadores.

Piragibe, com os de sua tribo, lutou bravamente ao lado dos potiguaras contra os colonizadores mas esse seu entusiasmo não durou muito. Os potiguaras enciumados, começaram a hostilizar os tabajaras e estes foram abrandando o seu ódio aos portugueses, proporcionando contactos com emissários do Ouvidor Martim Leitão.

Um desses emissários foi João Tavares, escrivão de Olinda, que velho conhecido de Piragibe, teve condições para um melhor entendimento com o cacique tabajara. Desse encontro resultou a celebração das pazes entre os tabajaras e os colonizadores, realizadas a 5 de agosto de 1585, dia consagrado à Nossa Senhora das Neves, o que pôs termo às cruentas lutas pela conquista da Paraíba e proporcionou a fundação da cidade.

Conquistada a terra paraibana e iniciada a sua colonização permaneceu Piragibe com o seu povo no mesmo local onde construiu a sua aldeia, às margens do Sanhauá, em terras que hoje estão compreendidas pelo bairro da Ilha do Bispo, que tanto lembra o valoroso cacique que entregou aos luzitanos as chaves da conquista, na categórica afirmação de Coriolano de Medeiros.





Brinquedo relaxante e sadio

A *pipa* é um brinquedo que consiste num pedaço de papel colado sobre uma cruzeta de cana de madeira leve, e que os meninos soltam ao vento, preso a um cordão. É popularmente chamado de *papagaio*.

Segundo entendidos em psicologia infantil, a pipa, ou papagaio, é um brinquedo ideal para meninos e meninas. Com um detalhe: é aconselhado para mamãe e papai, como um relaxante sadio, inofensivo e barato.

Nessa época do ano, quando o mar está fora dos programas de fim de semana, aproveite as manhãs estiadas para levar seus filhos à praia e com eles iniciar um bom exemplo de brinquedo livre: empinar papagaio.

Através desse brinquedo, a criança expressa seus desejos de criação e sua necessidade de liberdade, pois os brinquedos mecânicos obrigam a criança a um padrão de comportamento para participar, e sua participação pessoal é mínima, insatisfatória, frustrante. Quanto menos estruturados os brinquedos, mais liberação oferecem, dando maiores possibilidades para a criança fazer alguma coisa, criar, obtendo dela muito mais.

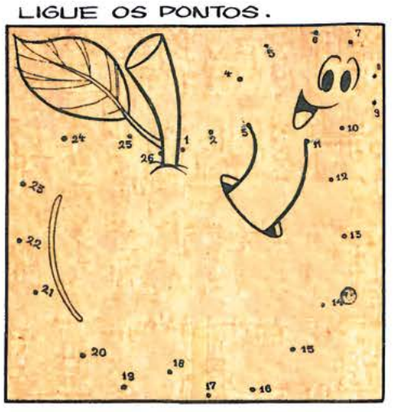
Além dessas vantagens, a pipa dá ainda a criança uma boa formação psicológica. Para chegar a ser um bom soltador de pipa é preciso aprender a coordenar os movimentos, ganhar o despreendimento que permite perder um papagaio no ar sem chorar; é preciso amadurecer.

A prática desse esporte dá tudo isso à criança, preparando-a para enfrentar outras dificuldades mais tarde.

Coordenação: Wilma Wanda
Arte: Milton Nóbrega
Ilustrações: Tônio

Parque de diversões

LIGUE OS PONTOS.

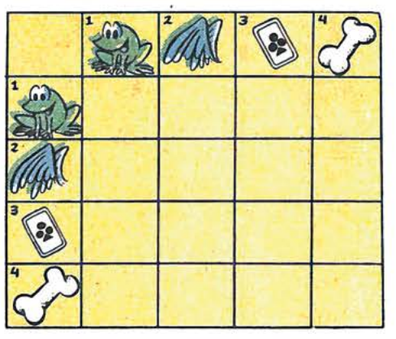


ENCONTRE O DESENHO SEMELHANTE.



SOLUÇÃO: Nº 6

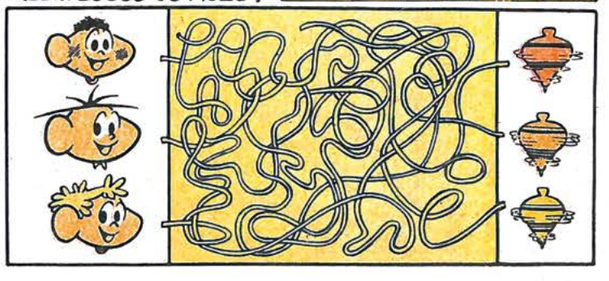
CRUZADINHA DUPLA



1- BATRÁQUIO. 2- SERVEM PARA VOAR. 3- NAIPE DE BARALHO. 4- COMPÕE O ESQUELETO.

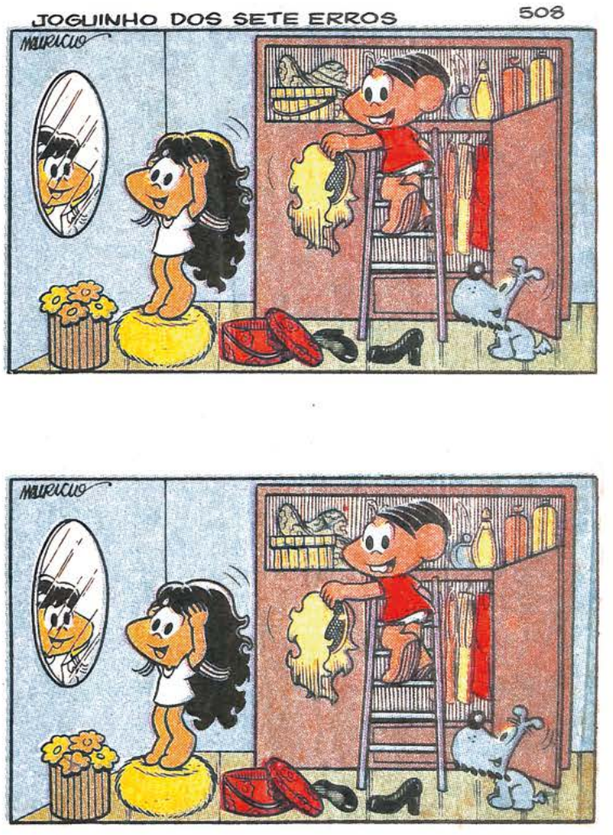
REGR.: ÁVIDO. ASAS. PAUS. OSSO.

QUEM JOGOU OS PIÕES?



SOLUÇÃO: COURO DO BOLO. JANTO. PENUGEM DE MADEIRA. ESCOLA. FLOR. ESTOJO NO ARMÁRIO. CHAPÉU.

JOGUINHO DOS SETE ERROS



A TURMINHA ACHOU AS PERUCAS DA MAMÃE, LÁ EM CIMA DO ARMÁRIO E ESTÁ SE DIVERTINDO A VALER! ENQUANTO ELAS EXPERIMENTAM AS PERUCAS, VAMOS ENCONTRAR AS SETE DIFERENÇAS ENTRE OS DOIS DESENHOS ACIMA?



Analice Pereira
marianalice@hotmail.com

Da **literatura** à **música**

ou de quando se lê **Alelí Culebra** e se ouve **Míriam Miràh**, **Alice Lumi** e **Violeta Parra**

Não tinha nada para levar a não ser o instrumento, as poucas moedas que tinham acabado de recolher na praça e o traço da vontade de viver que a música lhe dera.
(Maria José Silveira)

Maria Altamira (Instante, 2ª ed., 2026), de Maria José Silveira, é um romance latino-americano em sua essência, tanto pelo seu contexto de produção quanto por sua própria natureza literária. Escrito por uma brasileira, o livro é protagonizado por duas figuras femininas representativas de um espaço narrativo (e geográfico) latino-americano. Uma delas é a peruana Alelí Culebra de los Infiernos, de origem quéchua, da cidade de Yungay, de onde sai vagando por outras terras após perder toda a família durante o "terremoto em Ancash, vale das Cordilheiras dos Andes, Peru, no ano de 1970" (p. 15). A outra protagonista é sua filha, Maria Altamira, que dá título à obra, nascida de um relacionamento que Alelí mantém, ao chegar ao Brasil, com Manuel Juruna, de um povo que se autodenomina yudjá, "identidade indígena tratada [no romance] de uma perspectiva racializada e não apenas étnica", segundo Trudruá Dorrico Makuxi.

Muitos são os assuntos abordados no livro, não somente como pano de fundo, mas, especialmente, como contextos essenciais para a sua fatura. Um deles, no entanto, ocupa primeiro plano, quando ultrapassa a suficiência na caracterização de uma dada personagem

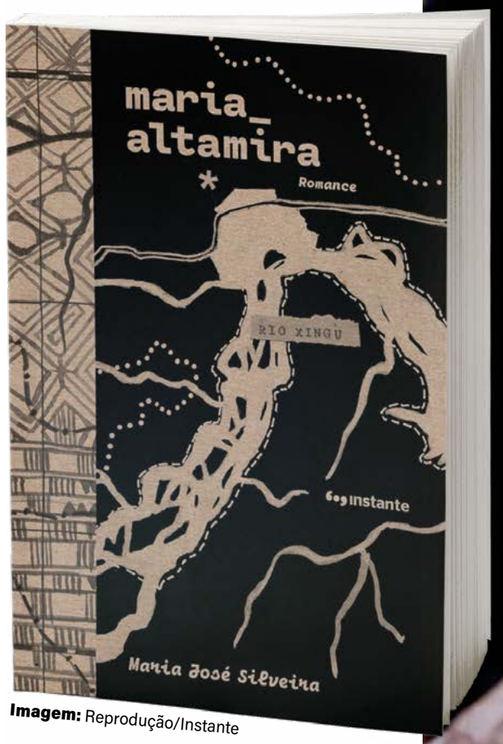


Imagem: Reprodução/Instante



Foto: Zé Gabriel Lindoso/Divulgação

Escrito pela goiana Maria José Silveira, Maria Altamira *é um romance essencialmente latino-americano e musical por excelência, entoando sonoridades dos anos 1970/80 e da América Andina*

e ocasiona no leitor a reverberação de seu repertório cultural e de suas experiências artísticas na interpretação, ou ainda, na ampliação do sentido da obra. Esse assunto é a música.

Maria Altamira é musical por excelência, pela capacidade de ligar dentro da gente um rádio mental, cuja *playlist* entoa sonoridades bastante peculiares a um tempo (anos 1970/80) e a um lugar (América Latina; América Andina). Imagético em suas paisagens referenciais (por suas linhas, entrelinhas e espaços narrativos, o leitor é convidado a atravessar Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Paraguai e adentrar o Brasil, passando por São Paulo e Altamira, no Pará), o livro vibra música, desde as primeiras páginas, nas quais Alelí Culebra recorre ao seu *charango* para "não se morrer", pois "A música lhe trazia algo que ela era incapaz de definir" (p. 26).

> *Alelí escutava o som, percebia o movimento desse som tanto pelas vibrações dos ouvidos quanto pela movimentação da ponta de seus dedos nas dez cordas do pequeno instrumento feito com a carapaça do tatu. Recebia a música não apenas pelos canais auditivos, também pelo corpo, e, de uma maneira que não julgava possível, sentia algo se alterar dentro dela, alguma espécie de sintonia, e se deixava levar pelos sons como se atravessasse uma ponte que, de alguma forma, começasse a reintegrá-la ao mundo.* (p. 25)

O romance figura como essa ponte que reintegra o leitor a um mundo musical latino-a-

mericano, ao contar uma história de mãe e filha que se separam no dia do parto e ecoando vozes femininas representativas do que podemos chamar de latinidade em seus aspectos linguístico, cultural, geográfico, histórico e político.

São muitos os pontos que chamam a atenção, tanto da perspectiva da narração em si, ou do contexto social, quanto de seus artifícios literários. Por enquanto, foquemos nas paisagens sonoras que podemos acessar pela leitura do livro, como um aspecto que tem a ver com a recepção estética de um determinado repertório cultural, uma vez que o leitor de *Maria Altamira*, ao se deixar conduzir à música pela literatura, pode ser envolvido por ritmos, instrumentos e letras alinhados com uma estética musical representativa de uma dada região. Noutras palavras: o leitor põe numa mesma sintonia as personagens do livro e a música latino-americana.

Foi esse o efeito estético que a leitura dessa obra produziu em mim: a rememoração e a escuta dessa música produzida por artistas bastante conhecidos nos nossos países vizinhos. Porém, há um nome que, embora reunisse integrantes de outros países, nasceu no Brasil e, por isso, é essencialmente brasileiro. Esse nome é Tarancón. E penso que não tem como falar da música latino-americana sem falar desse grupo que, neste ano de 2026, comemora os 50 anos de lançamento do seu primeiro álbum: o *Gracias a la vida*. É, portanto, à narrativa de Maria José Silveira que me junto para realizar a homenagem a seguir.

Título de uma música de Violeta Parra, artista chilena importantíssima para a história da música latino-americana e para a sua difusão pelo mundo afora, *Gracias a la vida* teve sua gravação, no álbum homônimo do Tarancón, pela voz de Míriam Miràh e pelo seu *charango*, o mesmo instrumento de Alelí Culebra, em *Maria Altamira*.

Celebrar os 50 anos desse álbum, a partir da música a que se aliam as linhas e entrelinhas desse romance, significa trazer as vozes de Míriam Miràh, Alice Lumi, Maetê Miràh, Natália Gularte, Mercedes Sosa, Violeta Parra para fazerem coro ao que entoa Alelí Culebra nessa narrativa: a trajetória de diferentes gerações de mulheres e seus contextos diversos e, em alguma medida, comuns. Acompanhadas pelo charango, instrumento de som brilhante e agudo, simbólico na música latino-americana, todas essas vozes cumprem a eternização de versos significativos de uma poética que elas comungam entre si e em suas performances: *"Gracias a la vida que me ha dado tanto / Me ha dado la marcha de mis pies cansados / Con ellos anduve ciudades y charcos / Playas y desiertos, montañas y llanos / Y la casa tuya, tu calle y tu pátio"*.

Façamos agora um passeio por esse contexto musical, no sentido de brindar com o Tarancón pelos 50 anos de sua existência e pelo capítulo especial que o grupo escreve na história da música brasileira. E, para conhecer melhor o que está na base e que orienta o projeto artístico do grupo, segue entrevista gentilmente cedida a esta coluna por Ademar Farinha, músico multi-instrumentista paulistano, integrante do Tarancón em sua formação atual.

■ **Fale um pouco sobre o pioneirismo do Tarancón na divulgação dos ritmos lati-**

Este ano, o grupo Tarancón comemora 50 anos do primeiro álbum *Gracias a La Vida* (1976), fruto de quatro anos de trabalho e pesquisa de um disco que percorreu todos os cantos do mundo

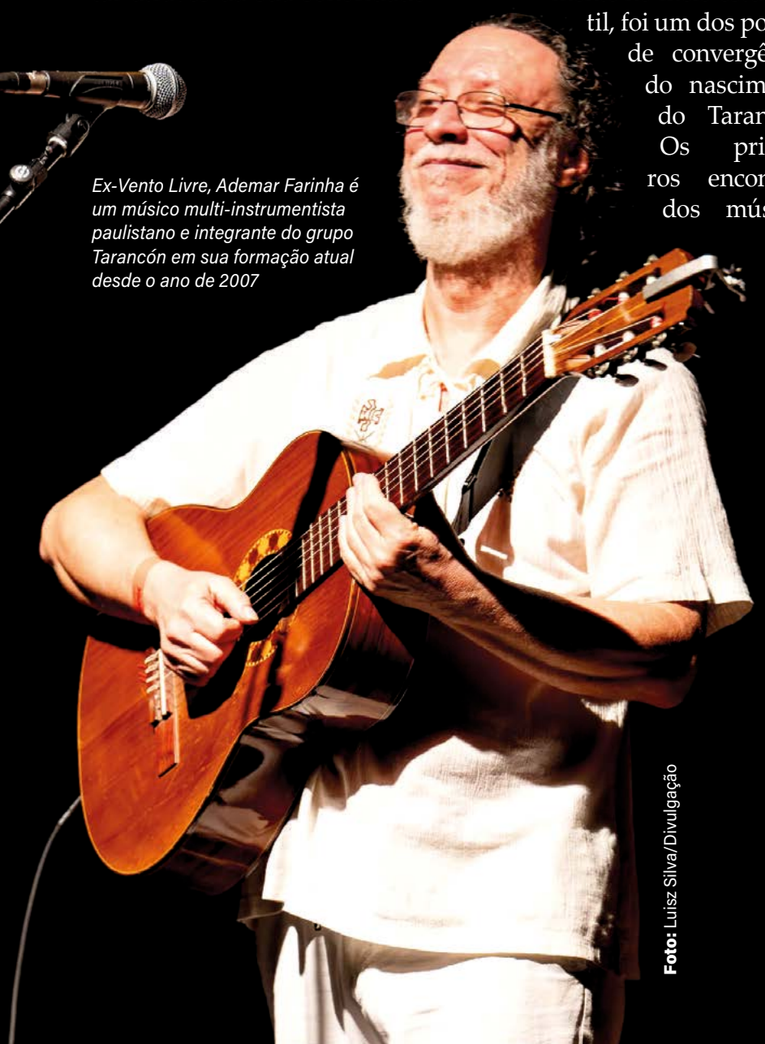


Imagem: Reprodução/Instagram

Foto: Luisz Silva/Divulgação

no-americanos no Brasil, um país que parece tão desconectado culturalmente dos seus países vizinhos.

É um grande prazer conversar contigo sobre o Tarancón, do qual faço parte da atual formação, e contar, a partir do meu ponto de vista, a minha percepção da trajetória do grupo. Realmente, o Brasil parece desconectado do pertencimento latino-americano, em muito talvez pela língua, sendo a maioria da América do Sul falante do espanhol, e nós da língua portuguesa. Além disso, a cultura latina raramente era de conhecimento amplo por aqui (creio que ainda é em algum grau). Nesse contexto, o trabalho do Tarancón foi essencial para transpor barreiras e nos transportar através da sua sonoridade às paisagens e manifestações culturais dos povos vizinhos, bem como trazer à tona as adversidades pelas quais a América Latina passava.



Ex-Vento Livre, Ademar Farinha é um músico multi-instrumentista paulistano e integrante do grupo Tarancón em sua formação atual desde o ano de 2007

Foto: Luisz Silva/Divulgação

■ **É praticamente impossível desvincular a história do Tarancón do contexto político brasileiro dos anos 1970, no qual o grupo surge. Em que medida os contextos ditatoriais, ocorridos de forma concomitante em alguns países latino-americanos, influenciaram essa sonoridade tão representativa, num período do Brasil em que se sobressaíam movimentos musicais com propostas estéticas tão diferentes como a Tropicália e a Bossa Nova?**

Creio que a efervescência política da época, principalmente no meio estudantil, foi um dos pontos de convergência do nascimento do Tarancón. Os primeiros encontros dos músicos que viriam a criar o grupo se deram no âmbito de festivais musicais estudantis, onde Emílio, Jica, Míriam e Alice se conectaram. E o que era comum à juventude brasileira e a latino-americana era justamente a experiência terrível das ditaduras dominantes da época, que nos aproximavam, apesar da diferença linguística. E esta urgência de ter voz e liberdade em meio à repressão encontrou eco nas músicas dos chilenos Victor Jara, Violeta Parra, Inti Illimani, Quilapayun, dos uruguaios Daniel Viglietti e Alfredo Zitarrosa, dos argentinos Mercedes Sosa, Atahualpa Yupanqui, e de Geraldo Vandré e Milton Nascimento, dentre outros. Com relação à Bossa Nova e à Tropicália, penso que foi justamente a diferença de sonoridade dos ritmos e instrumentos que não eram comuns de serem ouvidos nas rádios e tevês da época que despertaram o interesse dos fundadores do Tarancón, assim como foi para mim também, quando ouvi pela primeira vez os sons das flautas, cordas e percussões latinas.

■ **Tarancón influenciou o surgimento de outros grupos musicais que tinham, em muita medida, o mesmo propósito de difundir a música latino-americana em sua diversidade, mas também em sua sonoridade bastante marcada por instrumentos característicos desta estética como o charango, a quena, as flautas de pan ou flautas andinas, percussões etc. Você mesmo, quando muito jovem, fez parte do Vento Livre, que performava com esses instrumentos, principalmente. O que você pode nos dizer sobre essa influência e sobre sua entrada e permanência no Tarancón?**

Verdade, meu primeiro trabalho em grupo foi com o Vento Livre, fundado em Diadema, no ABC paulista, em 1984. A influência do Tarancón foi primordial para mim como músico e, também, para o Vento Livre como grupo. Pessoalmente, nos anos 1980, eu ouvia um programa de rádio chamado *América do Sol*, que passava aos domingos e era apresentado pelo Abílio Manoel, onde escutei uma entrevista de um músico boliviano, o José Bolívia, que ensinava as flautas andinas, e daí comecei a aprender com ele os instrumentos. E foi nesse programa que conheci também o Tarancón, e passei a assistir aos shows, e quando comprei o disco *Gracias a la vida*, ouvia sem parar [risos]. E, em 2007, quando recebi o convite para fazer parte do grupo, foi uma satisfação muito grande e um senso de realização profissional importante, por estar ali com quem eu admirava.

■ **Neste ano de 2026, o Tarancón comemora 50 anos do lançamento desse LP *Gracias a la vida*, que você acaba de citar. Mas a formação do grupo é anterior: 1972 ou 1973. O que isso significa para os integrantes da formação atual? E o que representa para vocês contar com a presença de Emílio de Angeles, músico que se mantém no grupo desde o seu surgimento?**

Para mim, e creio que para todos da atual formação, é um orgulho fazer parte de uma história tão duradoura e representativa da música latina no Brasil. Fazer parte de um trabalho que eu admirava como plateia e fã e, agora como integrante, estar ajudando a continuar essa trajetória e vê-la se renovar para novos públicos, é algo gratificante. E o Emílio é a alma do Tarancón! É quem traz consigo a essência artística de toda essa caminhada que o grupo percorreu e ainda segue na estrada.

■ ***Gracias a la vida* é o mais emblemático do Tarancón? Pergunto isso porque, desde muito jovem, quando penso no grupo já me vem logo à mente a capa icônica desse álbum. Fez história, não é mesmo?**

Penso que seja, sim, o disco mais marcante do grupo, que formou toda uma geração que teve seu primeiro contato com a música latino-americana através desse álbum. O *Gracias...* foi lançado no Chile, Argentina, Espanha e, na era do *streaming*, tem chegado a todos os continentes e países mais diversos como Vietnã, China, Finlândia, África do Sul, dentre tantos outros. A capa do disco é muito emblemática e foi criada por Félix Nieto, irmão do Emílio. Félix foi parte importante da identidade do Tarancón, pois durante os shows pintava telas de grandes proporções ao vivo, além de ser o autor das capas do grupo.

■ **Mercedes Sosa, reconhecida no mundo como a voz da América Latina, Violeta Parra como a mãe da música popular chilena/latino-americana e todas as cantoras e instrumentistas que já passaram e seguem passando pelo grupo são mulheres importantes para a criação e continuidade do projeto artístico-musical chamado Tarancón. O que você tem a nos dizer sobre isso?**

A presença feminina no Tarancón sempre foi muito forte, desde o início. Em sua fundação e primeiro disco, o *Gracias a la vida*, estavam Míriam Miràh, Alice Lumi e Marli Pedrassa. Míriam Miràh viria a se tornar a principal referência do canto latino-americano, não só do Tarancón, mas de toda uma geração de brasileiros. Além das várias cantoras que passaram pelo grupo, contou também com participações de cantoras amigas em faixas que fizeram sucesso, como é o caso de Katya Teixeira e Daniela Lasalvia no tema "Canto Lunar", no disco comemorativo de 25 anos do grupo, de 1997. E como que completando um ciclo, em sua formação atual, a cantora é Maetê Miràh, filha da fundadora Míriam Miràh, seguindo os passos da mãe e trilhando um novo caminho para o Tarancón.

■ **Quais os projetos do grupo para o ano comemorativo de 2026?**

O Tarancón pretende se apresentar por todo o Brasil, divulgando o projeto *Tarancón — 50 anos de Gracias a la vida*. Levar sua sonoridade para os espaços culturais, teatros e festivais onde possa comemorar junto com seu público fiel e conquistar novos ouvintes, para que venham a conhecer seu trabalho.

Na próxima coluna, traremos artigo assinado pela pesquisadora e multi-instrumentista Alice Lumi, que também esteve no centro da efervescência criativa do grupo, além de falar um pouco da relação do Tarancón com a Paraíba.

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do IFPB. Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Conto

Joias

Cláudio Feldman
Especial para o *Correio das Artes*





I

Minha aparência juvenil, insuspeita, entrou na cavernosa joalheria Amsterdã, em rua lateral, e disse que procurava um anel de noivado.

— Não muito caro — acentuei.

O atendente, de modos teatralmente agradáveis, tirou de sob o balcão, próximo ao revólver, uma bonita joia.

— Este anel, de ouro puro, traz no engaste um diamante branco-azulado perfeito. Ponha-o no dedo e sinta sua beleza vibrante.

Coloquei-o e rebrilhou à luz difusa da loja.

— Faço um preço especial para moços: 500 reais.

Eu, encantado, me convenci.

— Fico com ele, mas só venho buscá-lo no final da tarde.

O atendente separou-o, com um sorriso, no qual percebi uma ponta de sarcasmo.

II

A seguir, visitei outra joalheria, Cristal, de ambiente ainda mais turvo.

Desta vez, procurava um relógio.

O balconista, com sotaque estrangeiro, ofereceu-me um, de pulso, antimagnético, à prova de choque e de água, com 17 rubis, modelo dos velhos bons tempos.

— Produto suíço autêntico — e mostrou-me a marca Edelweiss gravada no verso.

Examinei-o de diversos ângulos, coloquei-o no pulso e, depois de devolvê-lo ao atendente, perguntei:

— Quanto ?

— Apenas 200 reais.

Encantado e convencido, plagiei o que dissera na outra joalheria:

— Reserve, por favor, que vou passar com o dinheiro no final da tarde.

III

Antes do almoço, ainda visitei uma terceira joalheria, Minas Gerais, que me pareceu tramposa.

O próprio dono, bigodes à Dali, veio me atender.

— Quero algo pra minha noiva. Vistoso, mas bem em conta.

O proprietário subiu numa banqueta e trouxe, da prateleira do alarme, uma caixa grande, outra pequena, ambas empoeiradas.

— Aqui estão estas maravilhas — e espanou-as.

Primeiro mostrou-me um rubi engastado num bracelete de prata de lei.

Reluzentíssimo, com preço apagado e oferta gratuita de gravação do nome da presenteada.

Examinei-o, com minúcia, e não me manifestei antes de conhecer a segunda "maravilha".

Como um mágico, que quer surpreender, o homem retirou, devagar, com suspense, um objeto da caixa de veludo:

— Eis o suprassumo desta joalheria: belíssimas pérolas importadas do Pacífico. E por um valor de bijuteria *hippie*: mil reais.

Achei a afirmação delirante, mas fiquei concentrado no produto, namorando-o.

E não me furtei à pergunta:

— E por que tão baratas ?

O homem cochichou perdigotos em meu ouvido:

— Amigos em ambas as alfândegas...

Encantado e convencido, repeti a cantilena:

— Gostei, mas só posso apanhá-las no final da tarde. Dispenso o rubi.

IV

Após o almoço, comercial, liguei para o Inmetro, órgão que, entre outros encargos, verifica a autenticidade de joias e bijuterias comercializadas e indiquei o endereço das três joalherias falsas.

À tarde eu visitaria grandes lojas do gênero, possíveis trapaceiras.

Sou mineralogista diplomado e talvez consiga, desmascarando estes horríveis ourives, um acréscimo de salário.

É que preciso noivar com Dolores e uma joia autêntica, para a ocasião, está custando um preço absurdo.

Ilustração: Bruno Chiossi



Cláudio Feldman é professor aposentado de Língua & Literatura e autor de 62 livros; o mais recente é *Os 70 Ausentes de Pedra Branca* (contos), da Editora Taturana.

Ensaio de memória

Clemente Rosas
Especial para o *Correio das Artes*

Já ouvi dizer de uma senhora, mãe ou esposa de um político paraibano e exemplo extremo de bairrismo, que ela costumava dar aos amigos um conselho: "Meu filho, nunca pergunte a uma pessoa que você acaba de conhecer onde ela nasceu... para não lhe causar o embaraço, ou o desgosto, de ter de dizer que não nasceu na Paraíba!"

Bem, infelizmente para mim e meus conterrâneos, Fernando Dourado Filho nasceu em Pernambuco, mais precisamente em Garanhuns. Passou a infância no Recife, emigrou ainda adolescente para a Europa, foi estudante em Paris e na Alemanha, estagiário num *kibutz* israelense, e depois, literalmente, ganhou o mundo. Como consultor em internacionalização de empresas, falando uma dezena de línguas, já visitou quase todos os países de Europa, Ásia e África. E, acima de tudo isso, me honra com a sua amizade.

Seu último livro acaba de ser lançado em São Paulo, onde ele, enfim, parece ter-se estabilizado. Seu título é *A luz mutante da meia-estação – Ensaio de memória*. Mas já tem vários outros livros publicados, alguns em Portugal, onde conta com editores cativos. Um desses, de natureza épica, foi objeto de análise minha, constante dos meus *Ensaios irreverentes*, e tem como título *O halo âmbar*. Pois bem, amigos, este já está sendo vertido para o húngaro. Pois é lá, em Budapeste, cidade de boas lembranças do autor, que se inicia a epopeia, ao tempo da Segunda Guerra Mundial e da perseguição aos judeus, indo acabar no Brasil, duas gerações depois.

O autor andou bem ao rotular o novo livro de *Ensaio de memória*, pois é composto de reminiscências, com pequenos capítulos, em que são confrontadas as vivências atuais e as de 40 anos antes, nos embalos da juventude, mundo afora. Muitas são as cidades revisitadas, e as comparações se sucedem, envolvendo também cenas mais remotas do Recife, com toques de exaltação ou de melancolia. Não se exclui um olhar crítico para a política no entorno, e eventuais prognósticos inquietantes. De permeio, uma ponta de mágoa, por não ter podido assistir aos últimos momentos de sua mãe, grande referência de sua vida, com quem mantinha sempre contato por telefone, de qualquer oco do mundo onde se encontrasse.

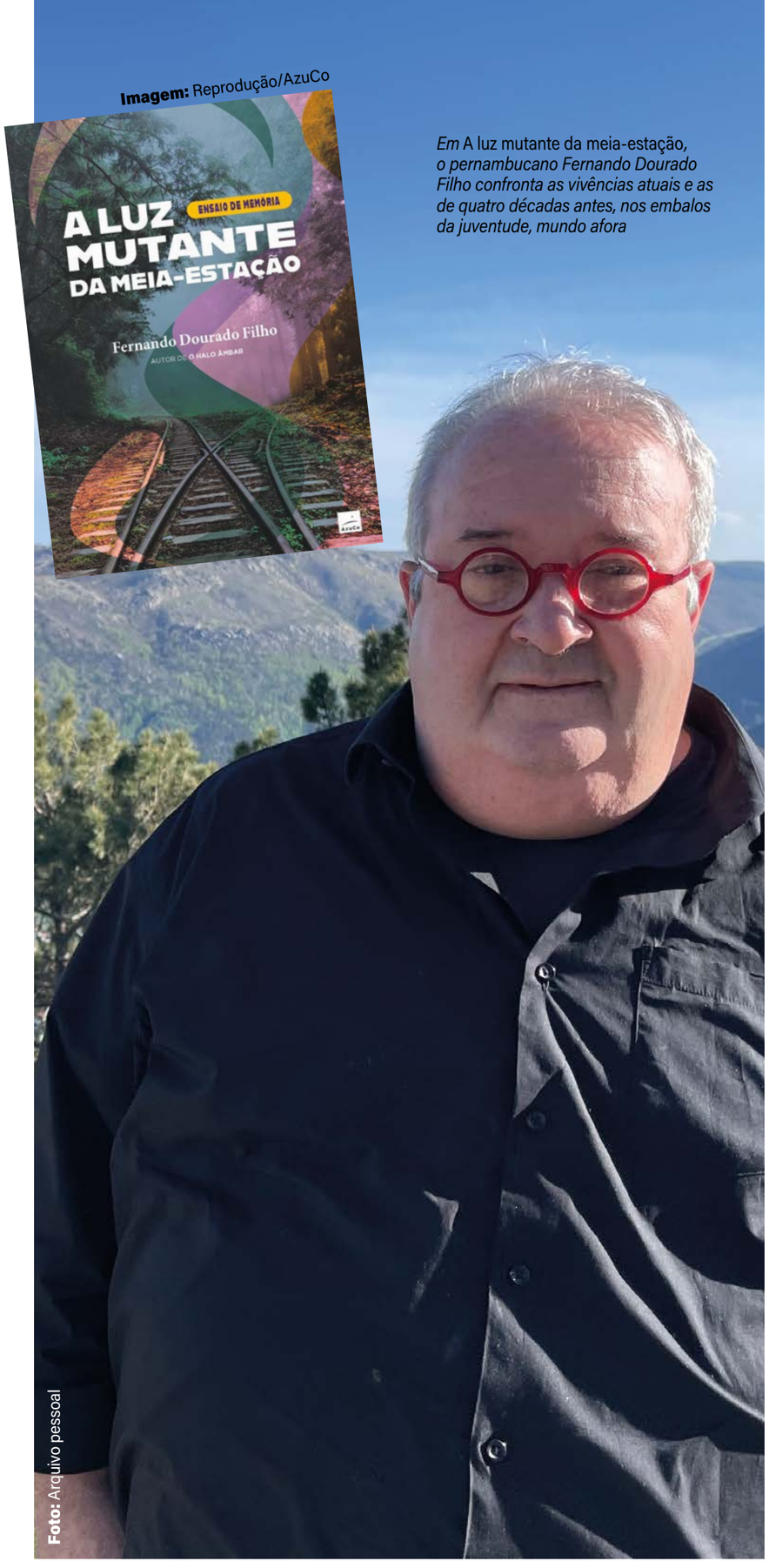


Imagem: Reprodução/AzuCo

Em A luz mutante da meia-estação, *o pernambucano Fernando Dourado Filho confronta as vivências atuais e as de quatro décadas antes, nos embalos da juventude, mundo afora*

Foto: Arquivo pessoal

Sua apreciação das gentes, dos indivíduos e dos lugares, em traços subjetivos, envolve, de forma diversificada, empatia, sarcasmo e deslumbramento. Mas é no campo da gastronomia que o nosso herói se apresenta mais à vontade, calcado em sua vastíssima experiência das mais diversas culinárias.

Uma das muitas virtudes de Eça de Queiroz, o grande escritor português, é a entusiástica exaltação à cozinha do seu país. Consta até que alguns admiradores, em sua homenagem, organizam almoços ou jantares com cardápio exclusivo das iguarias referidas por ele. Mas Fernando Dourado faz muito mais e melhor: enaltece, com verdadeira emoção e riqueza de detalhes, os pratos dos numerosos países que visitou, e agora revisita, em seu mais recente périplo. Trata-se de um *gourmet* dos mais convincentes, diria mesmo de um *gourmand*, não fosse o risco de ofendê-lo. Mas sua foto, na segunda orelha do livro, não deixa margem a qualquer dúvida.

Mas não é só isso que faz o mérito do livro em comento. Qualquer leitor se deixa seduzir pela riqueza da sua linguagem, pela originalidade dos seus conceitos, pelo lampejo surpreendente de suas comparações. Permito-me citar alguns casos: "A idade traz indultos — nem todos edificantes", "embasbacado que fui, siderado pela cava radical que lhe separava os seios discretamente balouçantes", "aqui se curam as dores do corpo e se renova a alma nas alegrias cruas", "o olho educado que têm para a arte da vida", "uma voz de travesseiro", "quem me olha com olhos de corsa enamorada", "aconchegado pelos sons e cheiros da montanha", "a prisão que tritura a esperança", "um céu prístino e fustigado por lambidas de vento frio". Há muitos exemplos mais.

Em um dos textos finais, Fernando Dourado, em conversa com uma agente editora, explica por que não é muito divulgado no seu próprio país: "Não estou enquadrado nas tendências. O que eu escrevo é claro e todo mundo entende. Isso me desfavorece. Não faço experimentalismos linguísticos nem pertenço às minorias perseguidas. Não sou notícia". Infelizmente, lamentavelmente, tenho de admitir que ele tem razão.

Releio agora a dedicatória escrita no exemplar que me enviou: "Para o querido amigo Clemente, com os votos de que possa remetê-lo aos coloridos da primavera e ao aconchego dos tons outonais". Mais uma maneira inteligente de orbitar o título do livro, cuja leitura enfaticamente recomendo.

Clemente Rosas Ribeiro integrou o grupo de poetas conhecido como "Geração 59". Publicou *Praia do Flamengo, 132*, *Coco de roda*, Lira dos *Anos Dourados* e *Sonata de Outono*. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).



Renálide Carvalho
rcmfabricio@gmail.com

Negros Riscos

23 anos da **Lei 10.639/2003** — Será que podemos **celebrar?**



Ilustração: Wal Paixão/Reprodução

Este ano, a Lei nº 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, completou 23 anos, e eu gostaria de conversar com as(os) leitoras(es) sobre o impacto que ela tem causado nos currículos dos cursos de Letras, em que a literatura brasileira é tema central. Mas de que literatura brasileira tratava o currículo antes da chegada dessa lei, que obriga as instituições de ensino a observarem a contribuição africana e afro-brasileira na produção do conhecimento científico — no caso específico deste texto, na produção literária?

Sem dúvida, desde a fundação dos cursos de Letras no país, a literatura brasileira estudada era predominantemente eurocentrada, pois gravitava em torno de uma tradição colonial ou pós-colonial, majoritariamente oriunda de uma elite econômica masculina e branca. A Lei 10.639/2003 e, posteriormente, a Lei 11.645/2008, que instituiu a obrigatoriedade das temáticas afro-brasileiras e indígenas nas instituições de ensino, mobilizaram uma reformulação curricular voltada à problematização do cânone literário tradicional.

Ao propor novas rotas para a educação brasileira e para o ensino de literatura em nossas instituições, essas legislações buscaram estilhaçar máscaras de silêncio e operar uma mínima — porém necessária — reparação histórica diante da ausência de uma educação plural, que leve em conta a multiplicidade de pertencimentos étnico-raciais da população brasileira e, consequentemente, das(os) estudantes que frequentam nossas universidades.

A ausência de referências negras nos currículos tem causado danos materiais, psicológicos, sociais, políticos, éticos e educacionais irreparáveis. Em 2010, finalizei minha graduação em Letras Clássicas e Vernáculas e Língua Francesa na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Lembro-me de que, em nenhuma disciplina, ouvi falar de literatura negra, de autoras e autores negros ou de literatura africana. Mesmo tendo lido Machado de Assis e Lima Barreto, jamais ouvi mencionar que eram autores negros.

Quanto às referências de autoria feminina negra, a situação era ainda mais grave. Maria Firmina dos Reis, professora, compositora e escritora brasileira — considerada a primeira romancista negra da América Latina — publicou, em 1859, *Úrsula*, considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil. Além disso, fundou uma escola mista para filhas e filhos de lavradores. Ainda assim, nunca havia sido sequer citada em minha formação. Tampouco Carolina Maria de Jesus, escritora, cantora, compositora e poetisa brasileira, uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do país, foi referenciada nas aulas de literatura brasileira. E o que dizer das autorias africanas e indígenas? Essas eram totalmente inexistentes.

Posto isso, é importante demarcar que a legislação educacional antirracista tem ocasionado mudanças e avanços significativos no âmbito dos currículos escolares e universitários. Hoje, é possível que estudantes tenham acesso à literatura produzida por seu próprio povo, o que gera pertencimento e orgulho. Essa necessária revisão curricular tem sido extremamente cara à comunidade negra, pois remete à reparação do epistemicídio cometido contra uma imensa parcela de intelectuais, escritoras(es) e produtoras(es) de conhecimento cujas contribuições foram secularmente apagadas da cena acadêmica, científica e cultural em razão do racismo epistêmico — um dos braços mais poderosos do racismo estrutural em nosso país.

O epistemicídio, conceito amplamente discutido pela intelectual negra Sueli Carneiro, refere-se à anulação da capacidade cognitiva de povos contra-hegemônicos e à deslegitimação sistemática de saberes, culturas e modos de conhecimento não ocidentais. Essa supressão das produções intelectuais de povos colonizados, de pessoas negras e de mulheres perpetua o eurocentrismo e a hegemonia do pensamento ocidental. Há 23 anos, contudo, o Brasil deu um passo importante para o fortalecimento de uma educação antirracista ao inserir, em seus currículos, a história e a cultura africana e afro-brasileira, reconhecendo a contribuição fundamental

Exemplo de referência de autoria feminina negra, a maranhense Maria Firmina dos Reis (ao lado) foi considerada a primeira romancista negra da América Latina

dos povos afrodiaspóricos para aquilo que chamamos de cultura brasileira.

Não podemos esquecer que essa conquista é fruto da luta histórica e ininterrupta dos movimentos sociais negros e antirracistas do Brasil. Foram esses movimentos que denunciaram e enfrentaram um sistema educacional que, durante séculos, apagou de maneira sistemática a presença negra na literatura e nas demais áreas do conhecimento humano, subalternizando pessoas negras e empurrando-as para o lugar de objeto — e não de sujeitas(os) — da história. Tais práticas constituem estratégias do racismo institucional, que opera para a manutenção do poder da branquitude e para a desumanização do povo negro.

Essas legislações, voltadas ao combate à discriminação racial e à valorização da pluralidade de saberes — expressa na história, na ciência, nas culturas, religiosidades, literaturas e artes — nos convocam a olhar com atenção e criticidade para nossos currículos e para aquilo que ensinamos nas nossas instituições de ensino. Trata-se de um passo fundamental para combater a mentalidade colonial ainda presente em um ensino que privilegia um conhecimento eurocentrado, hegemônico e distante da realidade da maioria de nossas(os) estudantes, sobretudo nas escolas e universidades públicas, que hoje contam com uma presença significativa de estudantes negros e periféricos.



Amplamente discutido pela filósofa, escritora e ativista Aparecida Sueli Carneiro, epistemicídio refere-se à anulação da capacidade cognitiva de povos contra-hegemônicos e à deslegitimação sistemática de saberes, culturas e modos de conhecimento não ocidentais

Foto: Marcos Mendes/Estadão Conteúdo

Vale salientar que essa ampliação do acesso à universidade também é resultado da política de cotas, que tem contribuído para reduzir as profundas desigualdades no acesso à educação superior em nosso país. Essa presença cada vez mais diversa impulsiona as transformações epistemológicas importantes no interior das instituições. As estratégias educacionais de enfrentamento ao racismo epistêmico têm possibilitado avanços importantes.

Hoje, conquistamos algum espaço nos currículos, com disciplinas voltadas à educação para as relações étnico-raciais. Nas prateleiras de livrarias e bibliotecas públicas já é possível encontrar literatura negra, indígena e feminina. Além disso, foram criados espaços institucionais fundamentais, como os Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Neabis), que desenvolvem projetos de pesquisa e extensão, ofertam disciplinas optativas e promovem rodas de conversa, clubes de leitura, atividades de teatro, música e cinema, fortalecendo processos de empoderamento, aquilombamento e pertencimento entre estudantes não brancas(os).

Ainda assim, a luta está longe de terminar. O sistema continua erguendo barreiras que dificultam a circulação da literatura não canônica. Persistem lacunas na formação docente, nos currículos e nas práticas pedagógicas que, muitas vezes, acabam por reproduzir e manter o *status quo*. Apesar disso, os passos já dados provocaram mudanças curriculares importantes e abriram caminhos para um giro epistêmico significativo. A Lei 10.639/2003 é apenas um dos instrumentos dentro de um conjunto de medidas voltadas à reparação histórica da população afrodescendente brasileira — uma tentativa de minorar os danos de uma dívida que, infelizmente, permanece impagável.

Que nunca mais estudantes negras(os) e indígenas, oriundas(os) de comunidades economicamente defasadas, vulnerabilizadas e historicamente marginalizadas, sintam que a universidade não lhes pertence. Afinal, ela foi construída pelas mãos da classe trabalhadora deste país e deve, cada vez mais, se pintar de povo.

Que nunca mais escritoras negras, como Maria Firmina dos Reis, precisem recorrer a pseudônimos por medo da rejeição de suas obras. Que nunca mais autoras, como Carolina Maria de Jesus, precisem mendigar o reconhecimento para que sua escrita seja publicada e valorizada. Como nos lembra a própria autora, no poema que deixo a vocês, queridas(os) leitoras(es):

Não digam que fui rebotalho
Carolina Maria de Jesus

Não digam que fui rebotalho,
que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
que meu sonho era ser escritora,
mas eu não tinha dinheiro
para pagar uma editora.



Autoras como Carolina Maria de Jesus, uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do país, precisam ser referenciadas nas aulas de literatura brasileira

Foto: Arquivo Estadão Conteúdo

Renálide Carvalho, natural de Jacaraú (PB), é escritora, atriz e educadora negra, feminista, militante dos movimentos sociais e da negritude.

Um **cochicho** para **Thomas Bruno**

José Edmilson Rodrigues
Especial para o *Correio das Artes*

"Curiosamente, para começar já tendo começado de uma ideia, de um assunto, de uma conversa despertada e assentada num bloco com tantos esboços, apontamentos para alguns textos futuros"



Imagem: Antonio David

Thomas Bruno Pereira de Oliveira, paraibano da cidade de Campina Grande, nasceu em 30/10/1984 e faleceu em 26/12/2025. Filho de Paulo Roberto de Oliveira e de Diana Pereira de Oliveira, deixou única irmã: Paula Wanessa Pereira de Oliveira, e sua doce companheira: Joana D'Arc Bezerra de Souza. Foi professor, historiador, jornalista e cronista da alma.

O silêncio está em descanso. Preciso ouvir seu barulho. E dentro dessa possibilidade, ninguém escapa do seu propósito. Os ponteiros do tempo não param entre uma linha e outra por um tênue sentido da lembrança e da saudade. O que foi ontem, foi ontem. Não rebusquemos o passado, apenas aquilo que como legado se deixou.

A memória inunda a alma de significados, de momentos vividos, brindando à vida, através de ocasiões que as estações oferecem, trazendo à tona boas experiências decantadas do dia a dia. E é preciso ter lembrança para lembrar. Como diz Cesare Pavese, "Chega uma época em que nos damos conta de que tudo o que fazemos se transformará em lembrança um dia. É a maturidade. Para alcançá-la, é preciso justamente já ter lembranças." Curiosamente, para começar já tendo começado de uma ideia, de um assunto, de uma conversa despertada e assentada num bloco com tantos esboços, apontamentos para alguns textos futuros. Assim, o caminho se toma e se torna estrada, através das palavras, da memória de uma pessoa, de uma família, de uma caverna e suas inscrições, dos matos, da caatinga, do cheiro da terra semimolhada pela chuva rala, do cheiro da terra seca, de um casebre e seus inquilinos, dos animais, do pai, da mãe, sua família. Os amigos chegados, uma oração ao vento, e ele caminhava com uma empatia peculiar, patinando humanismo e paixão pela vida.

O tempo é o termômetro para todas as coisas da vida, e não sabemos como... Por isso, caminhamos sob as bênçãos dos céus. E não há tempo vencido. Parece que é ele que nos vence. Então o que nos chega é essa indesejada das gentes, nos ruminando sem cessar. Somos trocas de quê, para quê?

Pois é, amigo. Manuel Bandeira empina a cortina da chegada da última hora, se não há dor, apenas a expectativa do medo pela chegada das festas para uma refeição familiar. Mas passaste de soslaio ou te levaram sorrateiro e brutal, na tranquilidade, não sei... Levaram-te, no entanto. Eu sei, a indesejada singularmente. E ele diz. Ele, o Manoel:

> ***Consoada***
> *Quando a Indesejada das gentes chegar*
> *(Não sei se dura ou caroável),*
> *talvez eu tenha medo.*
> *Talvez sorria, ou diga:*
> *— Alô, iniludível!*
> *meu dia foi bom, pode a noite descer.*
> *(A noite com os seus sortilégios.)*
> *Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,*
> *A mesa posta,*
> *Com cada coisa em seu lugar.*

Porém, à noite, sim à noite, foi neste intervalo que te encantaram. Sendo assim, foste de gole em gole como quem bebe um lago, um lago inefável de ideias e palavras, e disseste coisas...

Entre os cochichos da vida, há um, particularmente um, o que nos reservou sermos amigos, uma troca de leituras, uma conversa nas linhas da prosa e um entreter nos versos dos poemas. Nas crônicas, especialmente aquelas que antecediam publicações, antes, um olhar e um dizer, recado dado, inteiramente prontas. Publiquem-se. E foram tantas, que o cercado literário agradece.

E aqui vai nossa conversa ao pé de ouvido. Se falamos baixo, foi nosso murmúrio, nosso cochicho mais segredado. Falamos de alguém. Quem?...

E os pássaros que te acompanharam, em seu voo, em seu encanto. Que pássaros? Não foram águias, nem condores, nem o falcão peregrino, tampouco os mais melodiosos. Foi apenas um canto, dos querubins, ensejando sua entrada. Eles, os guardiões da sabedoria divina, anunciando sua chegada.

José Edmilson Rodrigues é poeta/ensaísta, advogado, funcionário público e membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG).

A **crise** como **oportunidade (de lucro)**: uma **análise** necessária sobre os **negócios** do **clima**

Eduardo Augusto
Especial para o Correio das Artes

Em um século marcado por eventos climáticos extremos, enchentes, secas prolongadas e incêndios florestais de proporções continentais, uma percepção vem ganhando força: essas não são simples tragédias naturais, mas consequências diretas de um modelo de sociedade. Diante desse cenário, uma pergunta se impõe: as soluções apresentadas por governos e corporações estão de fato enfrentando a raiz do problema ou estão criando novas oportunidades de lucro em meio à devastação?

É justamente para investigar essa questão fundamental que entrevistamos o professor e geógrafo Andrei Cornetta, autor do livro *Crise ambiental e os negócios do clima: uma perspectiva crítica-popular* (Editora Expressão Popular).

Mais do que um diagnóstico da crise, a obra é uma ferramenta de desconstrução. Cornetta realiza uma análise minuciosa e crítica do que se convencionou chamar de "economia verde". Ele questiona narrativas hegemônicas e nos convida a olhar com cautela para estratégias amplamente divulgadas como a economia de baixo carbono, a transição energética e a reciclagem de resíduos. Seu argumento central é potente: a crise ambiental é, antes de tudo, uma crise do capitalismo, um sistema que, para sobreviver, busca "commoditizar" e lucrar até mesmo com os desastres que ele próprio gerou.

A trajetória do autor reforça o peso de sua análise. Andrei Cornetta é graduado, mestre e doutor pela Universidade de São Paulo (USP), com pós-doutorado pela Universidade Estadual de Campina (Unicamp), e atualmente é professor no Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Sua carreira é dedicada aos estudos territoriais e às dinâmicas socioespaciais, o que confere um sólido embasamento à sua crítica.

O seu livro não se limita à crítica. Em um gesto fundamental, ele abre espaço para as alternativas. Com um capítulo especial escrito por militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a obra apresenta e discute formas populares de entender e agir sobre a natureza, propondo uma "perspectiva crítica-popular" como horizonte possível e necessário.

Portanto, preparemos o terreno para uma conversa que promete ir à raiz dos desafios do nosso tempo. Na entrevista a seguir, Cornetta detalha esses argumentos, explicando por que devemos desconfiar dos "negócios do clima" e onde podemos encontrar as sementes de um futuro verdadeiramente justo e sustentável.



Foto: Arquivo pessoal

Professor e geógrafo Andrei Cornetta é autor do livro Crise ambiental e os negócios do clima: uma perspectiva crítica-popular

O senhor poderia detalhar por que a crise ambiental é, fundamentalmente, uma crise do capitalismo, e não apenas um problema técnico ou de consciência individual?

O livro apresenta essa argumentação a partir do entendimento de que a crise do capitalismo é algo estrutural. Parto de uma perspectiva teórica de que a crise do capital é algo inerente à sua história e que isso se manifesta de diferentes maneiras: em crises políticas, urbanas, habitacional, civilizatória, climática, hídrica, etc. O exemplo das mudanças climáticas é emblemático nesse sentido, na medida em que se trata de um fenômeno gerado por um modo de produção específico, o que tensiona com a ideia corrente de que o aquecimento do planeta foi causado pela humanidade. Falar nesses termos significa pressupor que a humanidade é uma coisa só, desconsiderando sua diversidade cultural e as diferentes formas de produção e organização social.

Em outras palavras, atribuir as mudanças climáticas à ação humana implica culpar indiretamente os povos indígenas, os camponeses e os povos tradicionais pela tragédia que vivemos — quando, na verdade, são essas territorialidades que guardam parte importante das soluções para o enfrentamento da crise ambiental.

As mudanças no clima estão muito mais associadas ao desenvolvimento do capitalismo do que propriamente às emissões de GEE [Gases de Efeito Estufa]. Evidentemente, a substituição dos combustíveis fósseis é algo extremamente urgente. No entanto, a insustentabilidade do sistema capitalista está fundamentalmente na forma como as relações sociais estão organizadas, ou seja, relações pautadas pelo individualismo e pela concorrência. Enquanto nossa sociedade for organizada por esses princípios, na busca pelo lucro sem fim, a predação da natureza e a geração de desigualdades sociais persistirão. Portanto, a degradação ambiental não é um erro de percurso da economia, passível de solução pela tecnologia e pelos instrumentos de mercado, mas sim um sintoma de um modelo de desenvolvimento em crise, no qual a natureza é subsumida pela lógica de acumulação do capital.

A "economia verde" é apresentada como uma adaptação do capitalismo à crise que ele mesmo gerou. Quais são os principais mecanismos pelos quais o sistema transforma a própria destruição ambiental em nova fonte de lucro?

Então, quando a gente situa a crise climática e ambiental historicamente — ou seja, quando se entende essas crises como parte, ou como expressão, do próprio desenvolvimento histórico do capitalismo —, a gente não está só considerando causas e consequências, mas, principalmente, considerando a maneira como estamos lidando com a questão. E o que a gente tem visto é que o capitalismo está lidando com a crise climática da mesma maneira como ele lida com as suas crises de sobreacumulação. Isto é: fazendo negócios, gerando novas mercadorias, novos canais de acumulação, e se apropriando de bens comuns. Em suma, a crise ambiental é transformada em uma oportunidade de acumulação de capital por meio de mecanismos de "destruição criativa", sobretudo quando a gente pensa em termos da transição energética, além dos novos "serviços" que transformam a

Foto: Robson Fernandjes/Estadão Conteúdo

Floresta e seus atributos biofísicos deixam de ser um bem comum e passam a ser tratados como "serviços ambientais"

natureza preservada em novas mercadorias. Um exemplo disso são os mecanismos de mercado criados na esteira das mudanças climáticas, como os créditos de carbono e o decorrente processo de controle territorial que se cria com essas mercadorias.

A floresta em pé e seus atributos biofísicos — como a sua capacidade de sequestrar e armazenar carbono —, deixam de ser um bem comum e passam a ser tratados como "serviços ambientais" que podem ser quantificados, precificados e comercializados com o objetivo de compensar emissões de GEE. Pode-se dizer que se trata, no fundo, de uma compra do direito de continuar emitindo. Isso tudo conduz a um processo em que ecossistemas se tornam ativos em uma carteira de investimentos, cujo valor reside na sua capacidade de compensar emissões. É uma apropriação que se veste de conservação, mas que, na essência, aprofunda a penetração do capital em territórios cobertos por florestas e seu decorrente controle por interesses externos.

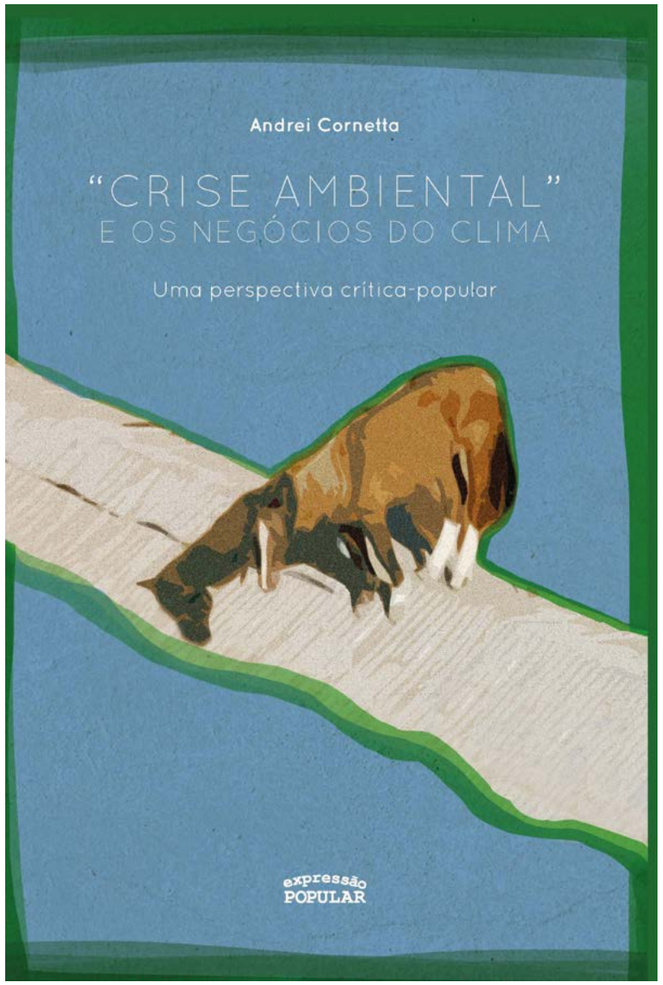


Imagem: Reprodução/Expressão Popular

Ferramenta de desconstrução, obra realiza uma análise minuciosa e crítica do que se convencionou chamar de "economia verde"

■ **Como o conceito de "fetiche da mercadoria", de Marx, pode nos ajudar a entender a forma como soluções como o mercado de carbono são apresentadas ao público?**

Sem dúvida que é um conceito que ajuda a entender como as medidas que se colocam frente à crise climática inseridas na lógica da acumulação — como o próprio mercado de carbono — são apresentadas à sociedade como solução e caminho. Ou seja, as supostas soluções que se colocam fazem parte da própria lógica que gerou a crise climática. Neste sentido, o que está no cerne desta crise ambiental é obscurecida pelo fetiche do "capitalismo verde", sugerindo que é possível a equalização entre desenvolvimento econômico e a preservação do meio ambiente. É claro, que de um ponto de vista filosófico, essa lógica está assentada em uma concepção de natureza (herdada do Iluminismo) que ela é vista como algo externo à sociedade, gerando uma visão de mundo "pré ou supra-humana" que subtrai os movimentos históricos dos processos que produziram a crise ambiental. Daí que se escuta, por exemplo, quando há um evento climático extremo em que muitas vidas são perdidas e impactadas, se fala em "desastre natural" ou apenas atribuisse esse evento ao "aquecimento do planeta", sem se levar em consideração as particularidades geográficas e históricas dos lugares. É claro que há um fenômeno natural em questão, assim como a influência do aquecimento do planeta, mas estes fenômenos se relacionam com as particularidades dos lugares. Nesse sentido, entendo que as tragédias relacionadas às mudanças climáticas, com a que ocorreu no Rio Grande do Sul em 2024, se trata muito mais de um desastre político.

■ **O senhor critica estratégias como a economia de baixo carbono e a transição energética. Quais são as contradições internas dessas propostas quando elas são implementadas dentro da lógica do capital?**

Então, as contradições dessas propostas residem principalmente no fato de que elas não substituem por completo a maneira como se organiza o modo de produção destrutivo em que vivemos, na verdade, o expandem e o adaptam para que o processo de acumulação sem fim se perpetue. A transição energética reflete bem isso, na medida em que se trata de um incremento na produção energética mundial, sobretudo para atender às novas demandas (*datacenters*, inteligência artificial, criptomoedas, carros elétricos etc.) e não de uma substituição efetiva dos combustíveis fósseis. Sem falar naquilo que se entende por "capitalismo extrativista", que é preservado, com novas particularidades, claro. Isso pode ser observado, por exemplo, nos vários impactos socioambientais gerados pelas usinas eólicas no Nordeste, ou nos conflitos que surgem em áreas de extração de minerais críticos, como é o caso da extração de lítio no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.

Acho que outra questão importante, no que se refere às contradições, é o reforço da competição e da centralização de capitais. O incentivo a inovações tecnológicas e reorganizações produtivas ligadas à baixa emissão é impulsionado pela competição capitalista; gera lucros extraordinários, na mesma lógica da busca pela mais-valia relativa. No Brasil, um dos principais setores que têm se beneficiado desse processo é o agronegócio, e que é justamente o principal emissor de GEE, se considerarmos as atividades já consolidadas e as mudanças de uso do solo, que é basicamente para a expansão da agropecuária. Claro, o agronegócio não é um bloco monolítico. Digamos que há um setor mais "esclarecido" que vem se valendo do contexto político-econômico das mudanças climáticas para alavancar inovações dentro de seus processos produtivos — como é o caso do setor sucroenergético e de papel e celulose.

São dois setores do agronegócio que têm diversificado seus negócios, particularmente no contexto da transição energética e da economia de baixo carbono. Um exemplo é o reaproveitamento do bagaço de cana para geração de energia elétrica, ou a plantação de monoculturas energéticas de eucalipto — o

"Quando há um evento climático extremo em que muitas vidas são perdidas e impactadas, se fala em 'desastre natural' ou apenas atribuisse esse evento ao 'aquecimento do planeta', sem se levar em consideração as particularidades geográficas e históricas dos lugares"



Ao confrontar o modelo hegemônico de agricultura e os padrões dominantes de ocupação dos solos agricultáveis, o MST aponta para um caminho diferente de produção do espaço rural brasileiro

Foto: Alf Ribeiro/Estadão Conteúdo

que já se denomina por "florestas energéticas". Evidentemente, para esses setores — marcados historicamente por inúmeras degradações geradas por suas atividades —, essas inovações lhes caem muito bem. Não só pela oportunidade da inovação em si, da criação de uma nova receita, mas também pela imagem de "ambientalmente responsável" que constroem. E que evidentemente contribui para a manutenção deste modelo hegemônico.

Em que medida acordos climáticos internacionais e metas de neutralidade de carbono podem servir para mascarar a continuidade de um modelo extrativista e poluente, principalmente no Sul Global?

Além de estruturar uma política climática que é pautada pela lógica do mercado, os acordos internacionais mascaram a continuidade de um modelo extrativista e poluente ao institucionalizar uma dinâmica, por exemplo, que permite a compensação da poluição e a transferência dos ônus ambientais, reforçando uma divisão geográfica que é desigual. Um exemplo disso é a relação entre dívida pública e mudanças climáticas. Países como Fiji, Madagascar e Belize, que claramente possuem urgências no que se refere a políticas de adaptação para enfrentar eventos climáticos extremos, possuem dívidas elevadas, o que reduz significativamente as suas capacidades de investimento em adaptação territorial. O que isso significa do ponto de vista dos acordos internacionais, mais especificamente no que se refere ao financiamento climático? Mais endividamento?

O que caracteriza a chamada "perspectiva crítico-popular" sobre a crise ambiental e como ela se diferencia da perspectiva hegemônica da economia verde?

O livro traz essa perspectiva como uma forma particular de olhar e discutir a crise ambiental e as mudanças climáticas, buscando situar essa crise como uma expressão das contradições do capitalismo. Penso que a principal diferença da perspectiva que apresentamos, em relação ao entendimento hegemônico, é compreender que as degradações ambientais que se espalham pelo mundo não são um "erro de percurso" — e que, portanto, não basta fazer ajustes na maneira como produzimos para equacionar o problema. Em oposição a essa visão, o que propomos é uma abordagem que evidencia a centralidade das lutas populares no questionamento e na construção de alternativas à chamada "crise ambiental". Melhor dizendo: não se trata apenas de alternativas, mas de demonstrar que o caminho de enfrentamento à crise ambiental e climática passa, necessariamente, pelas relações e pelas formas de produção que se distanciam da lógica capitalista.

O livro inclui um capítulo sobre o MST. De que maneira os movimentos populares apresentam alternativas concretas de relação com a natureza que contestam a lógica do capital?

Exatamente. É um capítulo escrito por três membros da coordenação nacional do MST — Bárbara Loureiro, Renata Menezes e Camilo Augusto. Basicamente, o capítulo discute como o MST têm respondido à crise ambiental por meio de uma territorialidade que integra a luta pela terra e por estratégias de reprodução social que se distanciam da lógica capitalista. É um capítulo fundamental, porque mostra que a questão ambiental no MST emerge da própria resistência ao latifúndio e ao modelo predatório da agricultura capitalista. Os autores demonstram que, ao confrontar o modelo hegemônico de agricultura e os padrões dominantes de ocupação dos solos agricultáveis, o movimento aponta para um caminho diferente de produção do espaço rural brasileiro e que, ao contrário da agricultura capitalista, produz alimentos saudáveis, tendo como base os princípios da agroecologia.

Diante da urgência climática, não seria arriscado rejeitar as soluções parciais oferecidas pela economia verde? Como convencer a população de que uma transformação radical do sistema é necessária e possível?

Penso que não se trata de rejeitar o que está sendo colocado como "solução". Como comentei anteriormente, a transição energética e a substituição dos combustíveis fósseis é algo urgente. No entanto, não basta uma aplicação eficiente das tecnologias e o cumprimento de todas as diretrizes que são traçadas nas COPs etc., enquanto a lógica da acumulação prevalecer. A insustentabilidade não se restringe às emissões de GEE, mas principalmente na maneira como a sociedade está organizada com base na lógica da acumulação capitalista. O que temos no atual cenário, são mecanismos de gestão da crise, e não de sua superação. Empurra-se ela para a frente,



Foto: Jonne Roriz/Estadão Conteúdo

Capitalismo lida com a crise climática da mesma maneira que as crises de sobreacumulação: fazendo negócios, gerando novas mercadorias, novos canais de acumulação, e se apropriando de bens comuns

da mesma maneira como o capitalismo faz com as suas crises de sobreacumulação.

■ **Qual o papel do Estado nesta equação? É possível imaginar um Estado que, dentro de uma sociedade capitalista, regule efetivamente os negócios do clima em favor do interesse popular e não do capital?**

Penso que o Brasil tem totais condições jurídicas e tecnológicas para apresentar uma resposta séria à crise ambiental. E não me refiro apenas a uma matriz energética de baixa emissão, até porque o modelo de baixa emissão, da maneira como vem sendo implementado, também gera outros impactos socioambientais. Mas me refiro ao papel que os territórios indígenas, quilombolas, camponeses e de povos tradicionais possuem na proteção das florestas e dos ecossistemas no Brasil. Trata-se, na verdade, do direito que os povos indígenas e quilombolas possuem em relação aos territórios que tradicionalmente ocupam, garantido pela Constituição, assim como o direito à posse, uso e usufruto dos territórios e recursos naturais dos povos tradicionais, também garantido pela legislação vigente. São justamente estas territorialidades que não apenas preservam as florestas, como as produzem historicamente como parte de seus modos de vida. Embora exista um entendimento que prevalece em relação às florestas (sobretudo em relação à Amazônia) enquanto um "bem natural", diversos estudos arqueológicos têm demonstrado que a composição florística amazônica está intimamente relacionada com a história desses grupos sociais.

É importante também dizer que, apesar das inúmeras diferenças entre esses grupos em termos culturais, históricos, territoriais e até em termos jurídicos no que se refere aos seus direitos, eles possuem três dados em comum — o primeiro, já mencionado, são as áreas onde se encontram as principais manchas de matas nativas preservadas, onde se produzem alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos e onde as relações sociais não foram totalmente absorvidas pela dinâmica capitalista. Não se trata de coincidências, mas de uma lógica de organização social.

Eduardo Augusto é cientista social e gerente operacional de produtos editoriais da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Mora em João Pessoa (PB).

Tiago Germano
tdgermano@gmail.com



Ao rés da página

Maria Valéria **Rezende**, uma **crônica** à **guisa** de **homenagem**

Foto: Leonardo Ariel

Até meados dos anos 2000, a cena literária da Paraíba destacava-se muito mais pela poesia do que pela prosa. Romancistas havia, mas se contavam nos dedos. Eu, por exemplo, só devia conhecer dois: Tarcísio Pereira e W. J. Solha. De resto, se me fosse perguntado quem eram os escritores que dominavam o panorama das letras por aqui, eu poderia citar vários nomes. Todos poetas. Provavelmente todos homens. Filhos de Augusto dos Anjos, muito mais que de Zé Lins ou de Zé Américo de Almeida.

Até que uma coisa, ou melhor, uma pessoa, aconteceu.

Maria Valéria Rezende, paulista de nascimento e paraibana por escolha (ou por maioria de votos). Se hoje, a despeito da superpopulação de poetas, uma cidade como João Pessoa pode se vangloriar de ter mais prosadores que farmácias (e olha que são muitas as farmácias, às vezes quatro num mesmo cruzamento), isso se deve em grande parte às revoluções encampadas por Valéria em movimentos como o Clube do Conto da Paraíba ou o Mulherio das Letras.

Agora, temos mais cronistas, contistas e romancistas do que gente. Nosso metro quadrado influencia até os preços dos imóveis, que estão pela hora da morte não só pelo turismo e pela especulação imobiliária, mas também por um ecossistema cultural que foi ampliado e conhecido no Brasil por movimentos como aqueles, duas das melhores brisas que arejaram nosso litoral, tirando um certo cheirinho de naftalina (e de macho) que havia por aqui, vocês hão de concordar comigo.

Considero nossa escritora/freira a madrinha de todos nós, prosadores. Vou tomar a liberdade de falar por toda a turma e dizer que a queremos como a uma terceira avó, sempre tão acolhedora com um cafezinho, um sorriso e um cigarro (que, infelizmente, ainda não conseguimos fazê-la largar) nas conversas de jardim em sua casa, no bairro dos Bancários. Não conto as vezes que turistas das páginas já me procuraram para levá-los a esse lugar, que brinco com Valéria dizendo ter se tornado uma espécie de Meca, um local de peregrinação e, certamente, o ponto turístico mais famoso de toda a João Pessoa.

Em seu santuário, guardam-se as maiores relíquias de suas várias vidas e de suas quase mortes — ela que, pouca gente sabe, sobreviveu a um infarto na Flip e a um acidente de avião, e é essa verdadeira *jukebox* de histórias, que vão aflorando a cada objeto guardado que ela vai tirando da estante: uma raquete de tênis dos tempos em que foi boleira de Maria Esther Bueno; um livro autografado por Manuel Bandeira ou Carlos Drummond de Andrade, com quem dividiu assento num bondinho; uma aquarela pintada a própria mão numa visita a Wuhan, que ela teve a oportunidade de conhecer antes mesmo do apocalipse dos tempos pandêmicos.

Certa vez, Valéria me disse que viu o mundo se acabar muitas vezes e a despeito disso sempre sobreviveu para contar a história, e que é por isso que ainda tem fé e esperança no mundo. Que ela foi tantas coisas antes de ser escritora, que a parte escrita é somente um detalhe em sua biografia, talvez uma porção ínfima diante do tanto que já fez pela vida. Que ela escreve para que seus personagens a leiam, enquanto os outros escritores escrevem para si mesmos, esquecendo dos seus personagens.

Por essas e outras, a mim, o fato de ela ser escritora sempre fez toda a diferença. Só mesmo a literatura, para dar conta de alguém do tamanho de Valéria. Ou talvez eu esteja como os outros escritores subestimando o mundo, subestimando a vida. Porque se não existisse a literatura tenho certeza de que ficaríamos de alguma maneira sabendo de Valéria, esse fenômeno em forma de gente, essa força da natureza.

"Considero nossa escritora/freira a madrinha de todos nós, prosadores. Vou tomar a liberdade de falar por toda a turma e dizer que a queremos como a uma terceira avó"

Tiago Germano é autor do romance *O que Pesa no Norte* (Moinhos, 2023), obra semifinalista do Prêmio Oceanos, e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de *Demônios Domésticos* (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e mora em João Pessoa (PB).

Manuel Bandeira e a Rua do Curvelo



Ilustração: Eduardo Baptistão/Estadão Contaúdo

Francisco Gil Messias
Especial para o *Correio das Artes*

Em 1995, a cearense Elvia Bezerra publicou, no Rio de Janeiro, pela Editora Topbooks, um despretensioso ensaio que logo tornar-se-ia um clássico. O título era *A trinca do Curvelo* e contava a vida de três personagens que viveram, ao mesmo tempo, na Rua do Curvelo, no bairro de Santa Tereza: os poetas Manuel Bandeira e Ribeiro Couto, e a médica Nise da Silveira. Moraram perto uns dos outros e cada qual registrou a seu modo aqueles tempos de certa maneira venturosos. A trinca do título, esclareço, não se refere aos três ilustres brasileiros e sim a peraltas molequinhos das redondezas do lugar, imortalizados em crônica pelo poeta pernambucano.

A ensaísta misturou com raro talento biografia e crítica literária, por exemplo, para compor, em delicada miniatura, um retrato não só dos três brasileiros destinados à glória, mas também um saboroso painel sociocultural do Rio no período de 1920 a 1933, especialmente do bairro de Santa Teresa e, neste, da então Rua do Curvelo, atualmente Rua Dias de Barros. Agora, passados 30 anos, e em versão ampliada, a obra é republicada pela Editora Todavia, para deleite dos que apreciam o gênero ensaístico e se interessam pelos protagonistas acima referidos.

O livro *Libertinagem*, de Bandeira, foi escrito no período em que ele morou na Rua do Curvelo e incorporou em seus decisivos poemas não só outros moradores da vizinhança, como também a atmosfera humana e social daquele então bucólico recanto carioca. Só por isso dá para ver a importância dessa rua nas letras nacionais. Nela, segundo a autora e outros estudiosos, o poeta pernambucano abandonou, em certa medida, a reserva que a doença lhe impusera até então, para mergulhar de cabeça na vida cotidiana, fruindo-a plenamente (dentro do possível, na verdade, pois nunca deixou de ter cuidado com sua saúde) nos seus mais diversos aspectos, como qualquer homem saudável de sua idade e de sua condição. Repetindo as palavras da ensaísta. "Agora era o lirismo do 'humilde cotidiano" que invadia a alma do poeta do Curvelo e impregnava sua poesia, deixando-o à vontade para exercer sua libertinagem poética".

Uma personagem do dia a dia de Bandeira que também restou imortalizada por ele foi a preta Irene, sua empregada na rua do Curvelo. "Velha, gorda, alegre e boa", lustrava metais como ninguém e brincava intensamente os quatro dias do carnaval, apresentando-se na casa do poeta na quarta-feira de cinzas logo cedinho, para trabalhar. No poema "Irene no céu", temos estes versos imortais e célebres:



Foto: Arquivo Estadão Conteúdo

Bandeira escreveu *Libertinagem* quando morou no Curvelo e incorporou em seus versos os moradores da vizinhança, como também a atmosfera humana e social do recanto carioca

> *"Imagino Irene entrando no céu:*
> *— Licença, meu branco!*
> *E São Pedro bonachão:*
> *— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença."*

Vejamos a descrição da rua feita pelo próprio Bandeira na crônica "Comunismo: Polícia e poesia": "a rua do Curvelo é uma ruazinha tranquila, e embora a dez minutos do centro da cidade parece um trecho de província. As lavadeiras estendem roupa nos paredões da calçada (fica um menino de guarda para dar aviso do aparecimento dos fiscais da municipalidade), as crianças brincam de corda, de amarela, de gude, e pela noitinha todos os namorados das redondezas vêm passear por aqui agarradinhos". A casa do poeta tinha porta e três janelas dando para a calçada, tão brasileira e tão portuguesa, como tantas outras daquele tempo.

Bem pertinho, a poucos metros, morava o poeta Ribeiro Couto, futuro diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras. Seria ele, a propósito, que receberia Bandeira naquela Casa. E em seu discurso de recepção, como rememorou a velha rua de tantas recordações para ambos! Sobre esses dois amigos, assim escreveu a autora, dando uma nítida ideia do forte vínculo amical que os uniu: "Amigo prudente, amante sensato, tuberculoso comedido, entre todos os seus bons amigos foi com Ribeiro Couto que ele compartilhou maior intimidade. Foi só de Couto que ele se permitiu ser hóspede: primeiro em Campos do Jordão, onde o futuro romancista de *Cabocla* morava e exercia a função de delegado de polícia na cidade vizinha de São Bento do Sapucaí, e depois na casinha cor-de-rosa em Pouso Alto, onde era promotor de justiça. Ali o poeta do Curvelo se refugiou mais de uma vez para escapar do calor do verão carioca".

Essa amizade dos dois poetas durou a vida inteira de ambos. Mas se consolidou ali, na Rua do Curvelo, onde, em frente à casa de Manuel Bandeira, morou "em um quarto alugado de um casarão avarandado", o casal de médicos alagoanos Nise e Mário da Silveira, ela destinada a revolucionar o tratamento dos doentes mentais, inscrevendo o seu nome na história da medicina brasileira e mundial. Os poetas e os médicos ficaram amigos, e todos gravaram para sempre, na memória e no coração, os tempos bons daquela rua de Santa Teresa. Ribeiro Couto foi quem levou Bandeira para o Curvelo, sem imaginar, claro, que ali o recifense viveria anos importantes de sua vida.

Assim se manifestou Elvia Bezerra sobre aquele pitoresco lugar: "É curioso que essa rua minúscula tenha atraído pessoas tão importantes nos movimentos de vanguarda que eclodiam ou eclodiriam no país. Por puro acaso. E todas elas dividiam, de algum modo, o mesmo cotidiano, sobretudo o poeta do nº 51, que abandonava a reclusão para integrar-se, de alma, ao ambiente do Curvelo".



Foto: Reprodução/Todavia

Edição revista e ampliada de A trinca do Curvelo, *que reúne três grandes personalidades na primeira metade do século 20*



Imagem: Cândido Portinari/Reprodução

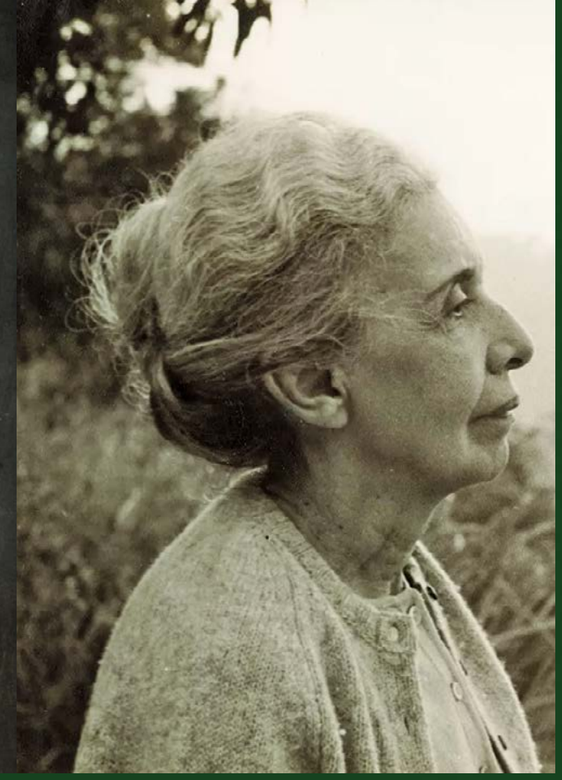


Foto: Reprodução/Acervo Itaú Cultural

Além do pernambucano Bandeira, viviam na mesma Rua do Curvelo, no bairro de Santa Tereza, Rio de Janeiro, o poeta paulista Ribeiro Couto (à esq.) e a médica e psiquiatra alagoana Nise da Silveira (à dir.)

Pois é esse feliz acaso — e as suas consequências — que a ensaísta cearense mais uma vez nos conta em pormenores, com novas informações, e com sabores de crônica, em seu precioso livro ora republicado, cuja leitura me apresso em recomendar.

Entre essas novas informações consta um ensaio que traz uma revelação pitoresca: o "romance", mais platônico que real, entre o poeta e uma jovem paraense chamada Luci Soares, aluna de Manuel Bandeira em curso de especialização em literatura brasileira, no Rio de Janeiro. Esse "romance" crepuscular apanhou Bandeira na curva dos oitenta anos, completados em 19 de abril de 1966, tendo o "namoro" se estendido entre 1963 e 1966. Mas não deve causar estranheza a ninguém esse tardio encantamento de Bandeira, face a fama do bardo nos territórios do erotismo. Uma fama discreta e elegante, como seria de esperar, mas mesmo assim uma fama, pelo menos no âmbito dos mais íntimos. A propósito, conta-se que já no hospital, perto do fim, o poeta teria pedido aos amigos que lhe levassem uma negra legítima, negra de verdade e não apenas mulata, pois não queria morrer sem ter tido a experiência de fazer amor com uma representante da raça. Vejam só. Deve ser lenda, claro, mas uma lenda que só se justifica diante da "folha corrida" bandeiriana, notório apreciador das mulheres, no melhor sentido da palavra.

A casa onde morou Bandeira na rua do Curvelo não existe mais: foi derrubada para dar lugar a um prédio, circunstância tão comum neste Brasil de tantas impermanências. E assim nossas cidades vão se descaracterizando, perdendo o que têm de personalidade histórica e cultural, para irem se padronizando mediocremente em construções sem arte, tornando-se iguais a tantas outras, como alguém anônimo misturado à multidão. Entretanto, consola-nos o fato de que no livro de Elvia Bezerra a casa do poeta e a rua bucólica sobrevivem para sempre, com o selo da imortalidade que só a literatura e a arte conferem.

Francisco Gil Messias é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor de livros como *O Redator de Obituários: Crônicas, Artigos e Talvez Ensaios*. Mora em João Pessoa (PB).

Resenha

“Sociedade do Cansaço”: uma **reflexão** sobre a **falsa liberdade**

Na sua obra, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han explica o motivo de os indivíduos sentirem-se exaustos nos tempos atuais

Gabrielle Lins Bezerra
Especial para o Correio das Artes

Byung-Chul Han, filósofo sul-coreano, explica em *Sociedade do Cansaço* o motivo de os indivíduos sentirem-se exaustos nos tempos atuais. Trata-se de uma análise crítica da autocobrança que permeia a geração moderna. Em sua obra, o autor evidencia como as pessoas impõem metas intangíveis, bem como a sensação de frustração quando não as alcançam.

Em *Sociedade do Cansaço* (Editora Vozes, Petrópolis: 2024), o autor aponta que cada época possui suas enfermidades. Houve uma fase bacteriológica que findou com os antibióticos; já o século 21, visto sob a perspectiva patológica, é neuronal. Doenças como depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH) e síndrome de burnout (SB) fazem parte do cenário deste século.

Ademais, Han indica que os adoecimentos neuronais do século 21 decorrem de um excesso de positividade. Essa “violência da positividade” não pressupõe um inimigo, mas, em verdade, um excesso do igual. Assim declara o autor: “Tanto a depressão quanto o TDAH ou a SB apontam para um excesso de positividade. A SB é uma queima do eu por superaquecimento, devido a um excesso do igual. O hiper da hiperatividade não é uma categoria imunológica. Representa apenas uma massificação do positivo”.

Um dos pontos centrais da obra é a discussão sobre a liberdade contemporânea, classificada pelo autor como paradoxal. Diferentemente da sociedade disciplinar descrita por Michel Foucault — centrada na obediência e na repressão —, a sociedade do desempenho permite ao indivíduo sentir-se livre. Contudo, embora o homem não responda a outrem, mas a si mesmo, isso não diminui a pressão por melhores resultados. Na verdade, o ser humano tornou-se carrasco de si mesmo. Sendo assim, há apenas uma falsa impressão de liberdade.

Essa autocoação, segundo Han, está estreitamente ligada à dinâmica capitalista. Ele explica que, a partir de certo ponto, a autoexploração é mais eficiente e produtiva do que a exploração alheia, pois caminha junto ao sentimento de liberdade.

Outro aspecto relevante abordado na obra é a crítica à multitarefa, frequentemente associada ao progresso civilizatório. Para Han, ela é um retrocesso, pois é disseminada entre os animais selvagens, que



Foto: Miquel Tavares/CCCB

necessitam dividir a atenção ao comer para não serem devorados.

Han também classifica o tédio como algo importante para o processo criativo e para os desempenhos culturais da humanidade. Isso porque a cultura se desenvolve a partir de uma atenção contemplativa e profunda. Contudo, hodiernamente, a atenção profunda perde espaço para a hiperatenção. Essa, entretanto, dispersa-se entre várias atividades e fontes informativas.

Ao abordar o uso crescente de substâncias para aumentar a concentração e a performance, Han alerta que a sociedade do desempenho está lentamente se transformando em uma "sociedade do *doping*". Nesse ambiente, o corpo e a mente são continuamente estimulados e exigidos, levando à exaustão como estado permanente.

Ademais, enfatiza Han: "Nós nos transformamos em zumbis saudáveis e *fitness*, zumbis do desempenho e do botox. Assim, hoje estamos por demais mortos para viver e por demais vivos para morrer". Diante disso, fica claro que a autocobrança não se restringe apenas ao âmbito profissional, mas também ao estético e físico. Os seres humanos buscam a padronização, tornando-se cada vez mais "fotocópias", desprovidos de liberdade e propósito existencial.

Em paralelo, Viktor Frankl, psiquiatra austríaco que esteve prisioneiro em quatro campos de concentração durante o Holocausto, afirma que, mesmo diante daquela realidade em que os indivíduos eram privados de tudo, ainda existia uma margem de escolha: a de assumir uma atitude alternativa frente às circunstâncias dadas.

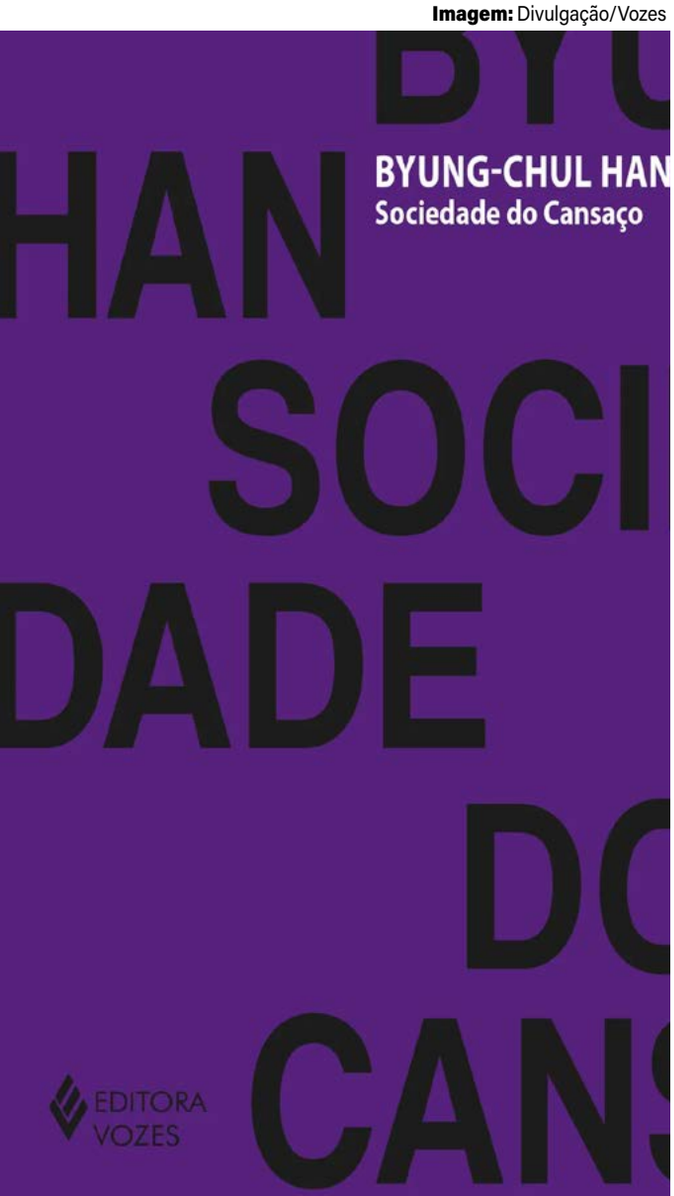
Frankl, na obra *Em busca de sentido*, cita a seguinte frase de Nietzsche: "Quem tem um porquê para viver suporta quase qualquer como." Isso ilustra como as pessoas conseguem superar as adversidades diante das piores situações que a vida impõe.

A vida, por si só, para ser livre, necessita de propósito. O vazio existencial da sociedade atual decorre da falsa percepção de liberdade, em que os indivíduos escolhem o ter em vez do ser. Para Han, o "hipercapitalismo transforma todas as relações humanas em relações comerciais. Ele arranca a dignidade do ser humano, substituindo-a completamente pelo valor de mercado".

Esvaziou-se de sentido o propósito existencial, pois as margens de escolha já estão determinadas por aquilo que se espera que o indivíduo seja. Os seres humanos transformaram-se em mercadorias. Em um universo em que os indivíduos são desprovidos da própria humanidade, viver com sentido é para poucos. Somente aqueles que realizam a escolha diária do propósito e se distanciam das ideias impostas socialmente conseguem respeitar a própria existência e dignidade.

Em suma, *Sociedade do Cansaço* é uma obra que provoca uma reflexão inquietante: a sociedade pós-moderna é composta por escravizados do desempenho. Ademais, a autoconsciência, na verdade, é uma ruptura do paradigma atual da produção. Pode-se concluir que os indivíduos são servos dos seus desejos de pertencimento a uma sociedade doente, na qual ser doente é normalizado e encorajado.

Imagem: Divulgação/Vozes



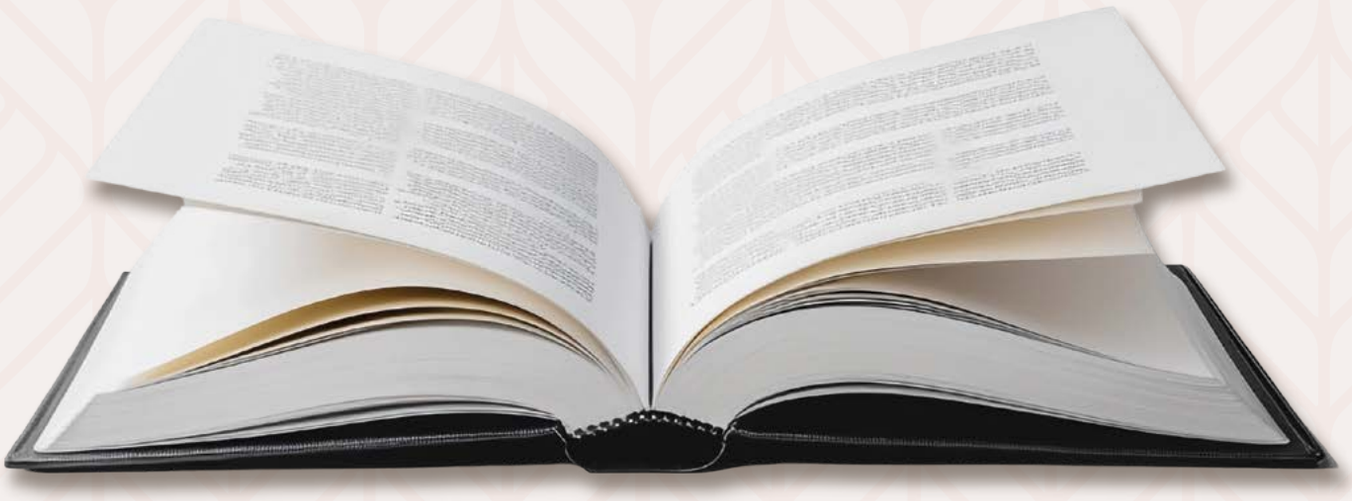
Uma análise crítica da autocobrança que permeia a geração moderna, em Sociedade do Cansaço *é apontado que cada época possui as suas enfermidades*

Gabrielle Lins Bezerra é advogada, formada em Direito pela UFPB, e pós-graduada *lato sensu* em Direito Penal e Administrativo. Assistente de comunicação da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), também foi ganhadora na primeira edição do Concurso Nacional Novos Poetas "Prêmio Augusto dos Anjos".

VOCÊ, AUTOR

PUBLIQUE SEU LIVRO NA **EDITORA A UNIÃO**.

Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra.



Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083

EDITORA
A UNIÃO


A vida
acontece
com
o Sesc
A vida acontece
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.
Sesc
Fecomércio
Senac